

Açores, Regresso aos distritos?



Opiniões de Pedro Paulo Silva, Hermano Aguiar, José Cabral Vieira, António Pedro Costa e Ricardo Silva

PÁG. 3 e 5

Ciência

“Os quês e os porquês”

Vão ver que afinal todos nós temos costela de cientista. À descoberta!

Rui Melo Ponte

PÁG. 5

Até dá gosto...

Licor de folhas de figueira



Otília e Rafaela

PÁG. 11

Desporto

Karaté



Carlos Alberto

PÁG. 11

A CIDADE DA RIBEIRA GRANDE E O SEU VALOR PATRIMONIAL

A cidade da Ribeira Grande já foi por alguém considerada a capital do barroco dos Açores, classificação que não terá um rigor provável.

O que a Ribeira Grande possui é um conjunto de edifícios do século XVII e XVIII que merecem a maior atenção, porque integram e configuram uma estrutura urbana que mantém muito da memória genuína de outros tempos. O que é interessante é que a cidade, ainda recentemente vila, possui a sua estrutura urbanística quase intacta, nomeadamente no seu centro histórico, e é aí, ao longo das ruas principais que estão localizados os mais significativos edifícios dos séculos XVII e XVIII, com bem marcadas características arquitectónicas, na sua presença simples e ruralizante. De facto, se exceptuarmos a velha e excepcional frontaria da igreja da Conceição, que exhibe uma erudição complexa e bem proporcionada nos seus detalhes, os restantes edifícios revelam simplicidade rural, o que...

Continua na página 10

Museus e desenvolvimento



Arcano Místico de Madre Margarida Isabel do Apocalipse - Quadro do presépio (séc. XIX) Coro alto da igreja de Nossa Senhora da Estrela - Cidade de Ribeira Grande

Sendo a questão do Património plena de actualidade, *A Estrela Oriental*, à semelhança do que tem vindo a fazer com especialistas em outras áreas, entendeu por bem convidar o Professor Doutor Coutinho Gouveia a pronunciar-se, de um modo genérico, sobre a realidade patrimonial e museológica açoriana e, mais em pormenor, sobre o Concelho de Ribeira Grande.

Os ‘Diálogos’ foram divididos em duas partes. Na presente edição publicamos a primeira. Na edição de Fevereiro, *A Estrela Oriental* publicará a segunda.

Mário Moura / Hermano Teodoro

DIÁLOGOS PÁG. 6-7

NOVIDADE!

Fuseirinho
Página Infantil

Envia os teus desenhos, histórias e anedotas para o **CLUBE DO FUSEIRINHO**

Apartado 6
9600 Ribeira Grande
Não te esqueças de mandar a tua foto!

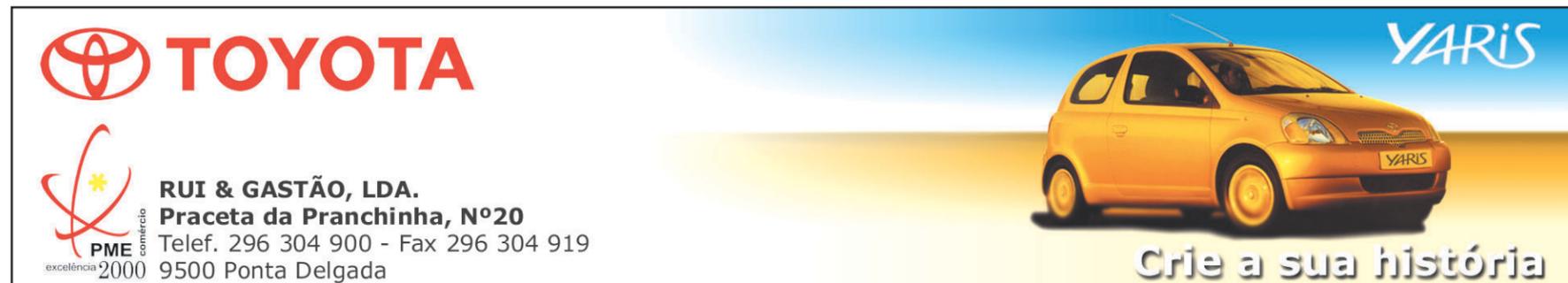
Patrocínio Melo & Melo

Cartoon

E AGORA, TENHO QUE FAZER A MARGINAL, AS POFAS, CENTENAS DE CASAS, XND NADIM, DINDIMHA, XND, ETC...

META · Ribeira Grande · 2001

R.P.P. 2001



TOYOTA

YARIS

RUI & GASTÃO, LDA.
Praceta da Pranchinha, N.º20
Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919
9500 Ponta Delgada

PME comércio
excelência 2000

Crie a sua história

Editorial oliveiramoura@mail.pt

Cinco Razões para sermos iguais

Caro Manuel Moniz, no teu renovado *Diário dos Açores*, de 9 de Novembro, a folhas 7, na rubrica *Arquivo Diário*, em artigo intitulado *Modelos de desenvolvimento*, ao te referires ao poder de compra das cinco Cidades açorianas, teces considerações com as quais nenhum açoriano avisado pode concordar. Alicerçando o teu raciocínio em *chão arenoso*, traças um diagnóstico inevitavelmente distorcido, receitas como cura a causa do mal, o retorno ao **Distritalismo**, o modelo **vigente**, e defendes o *reforço* da concentração de investimentos públicos nas três irmãs mais velhas, algo que, por motivos de uma expedita, compreensível em 1976, não em 2001, e conjuntural engenharia política e *malsã* engenharia económica, com os resultados que se conhecem, sempre se fez.

Ora se este modelo de desenvolvimento não produziu a riqueza esperada, apesar dos vultuosos investimentos nas três ex-capitais de Distrito, a culpa não será certamente das Cidades de Ribeira Grande e da Praia da Vitória, nem seria economicamente correcto penalizar quem sempre foi penalizado. O correcto será corrigir ou alterar o modelo, ou seja, ainda antes de se exigir ao *Terreiro do Paço* mais competências para o nosso Regime Autónomo, devemos, caso se pretenda preservar a união de todos os açorianos, arrancar ao *Terreiro da Conceição* condições iguais para as Cinco Cidades, por cinco razões:

- *Porque somos Cidade* – Que se acrescente à fama o proveito em ser Cidade. São Miguel não tem só uma Cidade e os Açores têm mais três, e uma Cidade tem direitos e deveres diferentes de uma Vila;

- *Porque produzimos mais riqueza do que algumas das 3 mais velhas e mais do que todas as Vilas* – Que se acrescente ao proveito o dever de criar riqueza na desprezada costa Norte da Ilha de São Miguel, algo que a cidade de P. Delgada e o Governo Regional não têm sabido ou querido fazer. A Cidade de Ribeira Grande, tendo dado bastas provas no passado e no presente, não quer favores, pretende tão-só meios para, com as demais, ajudar os Açores a sair da cauda do desenvolvimento Nacional e Europeu;

- *Porque sacrificamos à Região mais do que dela recebemos* (2.º contribuinte fiscal, etc.)- Que se cumprem promessas de duas décadas.

- *Porque somos também herdeiros dos princípios e dos objectivos que levaram os pais da Autonomia a exigir justiça ao Terreiro do Paço, exigimos que ela seja aplicada na Região com a mesma equidade;*

- *Porque, como sói dizer-se, sendo maiores e vacinados, para falarmos de nós, dispensamos a tutoria das três mais velhas.* A nova geração escolarizada que, por opção ou por necessidade, ao contrário do que sucedia até há pouco, vai regressando às duas Cidades mais recentes, ao sentir-se excluída, não aceita este *status quo* iníquo e gerador de desigualdades.

Não te terias *espalhado*, caso dispusesse, entre outros, dos seguintes dados: qual o montante de investimentos públicos regionais **executados** na Cidade de Ribeira Grande nos últimos vinte anos?; qual a percentagem destes investimentos comparativamente aos efectuados em Angra, Horta e Ponta Delgada? Desafio-te a desafiar os poderes públicos regionais a investirem durante 20 anos na Ribeira Grande o equivalente à média investida naquelas três Cidades. Depois, quem estiver por cá, discutirá o desempenho económico e o poder de compra das Cinco Cidades. Só assim será *justo e correcto*. Não achas?

Porém, admito, o teu artigo tem a virtude de fazer cair a máscara do discurso hipócrita do politicamente correcto. Os números não mentem, diz-se, nem tão pouco o farás, mas os parâmetros são discutíveis. **Sem ovos, caro Manuel Moniz, como bem sabes, não se fazem omeletes.**

Oliveira Moura

7.ª Arte

Forém de Cinema (1.ª Parte)



Vivemos hoje numa era de telecomunicações, estradas da comunicação, audiovisuais, internet e multimédias. Um mundo que se alimenta de novidades com uma velocidade capaz de fazer empalidecer a própria luz. Um mundo em que os médias mais “antiguinhos”, como este respeitável rebento de Gutenberg onde me apresento, ou o cinema, sobre o qual aqui garatujo estas linhas, sobrevivem apenas graças ao engenho e arte dos que neles trabalham, reinventando-os, encontrando novos nichos de mercado (expressão muito “in” hoje em dia), abordando segmentos mais especializados da realidade e do sonho. Nesta sofreguidão pelo novo, neste apetite voraz pelo futuro aqui e agora, reinventam-se palavras e consomem-se terminologias, que na sua efémera vida se tornam uma espécie de arauto de uma nova ordem, mal compreendida e ainda em construção, para serem depois descartadas como um par de sapatos velhos, remetidas ao silêncio volumoso de respeitáveis dicionários. Mas nesta busca pelo verbo como forma de enquadrar a nossa nova realidade, de a traduzir, de a interpretar e a tornar minimamente inteligível, palavras há que são utilizadas quase até à saturação, autêntico “cartão multi-uso”, consumidas pelas engrenagens de um mundo onde sobram as interrogações e escasseiam as certezas. Tal é o caso da palavra “cultura”.

A palavra “cultura”, tanto quanto eu me lembro sempre foi um pouco ambígua. Mas, um pouco de atenção e um ligeiro esforço interpretativo do texto em que se inseria, dizia-nos logo se nos encontrávamos perante a cultura da batata doce, do milho ou da beterraba, ou se perante aquela outra, a cultura alimentadora do espírito humano, transmissora de pensamentos, erudições e outros saberes. Hoje em dia as coisas são bem mais complicadas. É que para além dessas culturas que aprendíamos ainda na quarta classe, quando muito aplicadamente decorávamos os significados em casa, encontramos hoje culturas variadas. Por exemplo em relação ao empenhamento com que então decorávamos os significados, poderemos dizer hoje que o fazíamos porque existia naquela altura uma “cultura da réguada”, que nos compelia a essa decoradeira. Usa-se também muito o termo “cultura empresarial”, para definir o modo de estar de uma empresa nos seus mercados. E já não há governos corruptos (graças a Deus), pois agora foram todos substituídos por uma “cultura de corrupção”. Acrescentar a essas e outras culturas, temos as culturas dos povos, as culturas dos grupos étnicos e religiosos, as culturas dos guetos sociais e muitas outras culturas, tantas que já nem sei bem o que significa essa palavra. Só sei, é que seja lá o que for que a palavra cultura signifique hoje em dia, aplica-se perfeitamente ao Fórum de Cinema 2001.

O Fórum de Cinema 2001-Açores vem na sequência de edições anteriores deste evento, organizadas pelo Fórum Açoriano - Associação Cívica, que desde 1998 vem trazendo aos Açores alguns exemplares do que de melhor, e menos conhecido do grande público, foi feito na sétima arte. Este ano, o Fórum de Cinema alargou os seus horizontes, não se confinando a Ponta Delgada como nos anos anteriores. Estendendo-se a outros centros urbanos de S. Miguel e a outras ilhas, como a Terceira, S. Jorge e Graciosa, viu essa descentralização corresponder também a uma base mais alargada da sua organização, com parceiros como o Instituto Açoriano de Cultura e a Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, a participarem

com o Fórum Açoriano neste evento, com o apoio da Direcção Regional da Cultura. Desses parceiros, convém debruçarmo-nos um pouco mais sobre a Cinemateca, certamente desconhecida da maioria dos Açorianos.

O dicionário da língua portuguesa de António de Moraes Silva, conhecido como o dicionário de Moraes, define a palavra Cinemateca como “coleção, arquivo de fitas de cinematógrafo”, entendendo-se “cinematógrafo” como a versão por extenso da palavra cinema (ou ao contrário se preferirmos). Essa espartana definição revela-se algo incompleta, omitindo algumas das responsabilidades de uma cinemateca, que tal como uma biblioteca, tem por funções não só a preservação das obras aí guardadas, mas também a sua divulgação e consulta, pois como nos diz Henri Langlois, “alma e corpo” (1) da Cinemateca Francesa que fundou com George Franju, “(...) Uma cinemateca é um museu (...) que deve poder iniciar as massas e dar igualmente satisfação às cem pessoas a quem o património cinematográfico interessa apaixonadamente. É também uma biblioteca onde se deveria pôr à disposição dos investigadores uma cópia de 16 mm (2) de todos os filmes para visão (...)” (3). Esta definição mais abrangente de Cinemateca, que traz em si o peso do estatuto de Henri Langlois nesse domínio, parece-me mais adequada e insere-se melhor no papel que a nossa Cinemateca desempenhou neste Fórum de Cinema. Ao vir aos Açores com esta selecção a Cinemateca Portuguesa cumpre todas as funções preconizadas por Langlois, juntando ao arquivo e museu de cinema a tarefa de divulgadora de uma cultura cinematográfica, papel que há muito já desempenha em Lisboa, mas que urgia estender ao restante país, incluindo estes penedos perdidos no Atlântico. Esperemos que, como diz Bénard da Costa na sua introdução à publicação que acompanhou este Fórum, “Depois, vamos embora e fica tudo na mesma? Para alguns, acreditamos que não será assim. É preciso é começar. E, neste Outono de 2001, a Cinemateca começa nos Açores”. Um começo que pensamos poderá

dar ainda melhores frutos, pois se para a Cinemateca é um começo, para o cinema é a continuação de um encontro anual a que o Fórum Açoriano já nos acostumou.

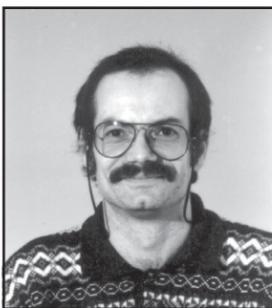
1959 foi o *annus mirabilis* (4) do cinema, com a “nouvelle vague” francesa a explodir com as primeiras realizações de Claude Chabrol, François Truffaut, Alain Resnais, Éric Rohmer, Marcel Hanoun e Jean-Luc Godard (5), e a apontar novos caminhos ao cinema, iniciando assim um movimento avassalador que se espalhou por toda a Europa e até se repercutiu nos EU, chegando a Portugal com a designação de “cinema novo”, de que o filme *Os Verdes Anos* que inaugurou este Fórum é, de acordo com alguns autores, o primeiro sinal. Esperemos que esta primeira visita da Cinemateca a estas ilhas e a maior abrangência desta edição do Fórum façam com que este seja também o *annus mirabilis* para a divulgação do bom cinema nos Açores.

- (1) Sadoul, Georges, *Dicionário dos Cineastas*, Livros Horizonte, 1979, p. 177.
- (2) Idem, ibidem, p. 178.
- (3) Hoje poderíamos substituir o 16 mm por videocassetes, que não sendo a melhor forma de ver cinema, permitem um estudo muito mais aturado do que em película, pois que ver 39 vezes o mesmo filme como Orson Welles diz ter visto *Stagecoach* ao preparar-se para dirigir *Citizen Kane*, não é muito prático utilizando o filme. Muitas das bibliotecas das universidades onde se lecciona o cinema dispõem de estações individualizadas para visionamento de vídeo.
- (4) Monaco, James, *The New Wave*, Oxford University Press, New York, p. 11.
- (5) *A bout de souffle* de Godard é lançado já em 60 e os primeiros filmes de Jacques Rivette, Jacques Demy e Claude Lelouch em 61 e 62.

Manuel Bernardo Cabral

Plantas Usadas na Medicina Popular (7)

Malva



O médico Acúrcio Garcia Ramos, na sua obra “Notícia do Archipelago dos Açores e do que há mais importante na sua História Natural”, publicada em 1871, já falava nas propriedades medicinais da malva. Assim, segundo ele, a malva “tem sucos mucilaginosos, emollientes e de sabor doce”.

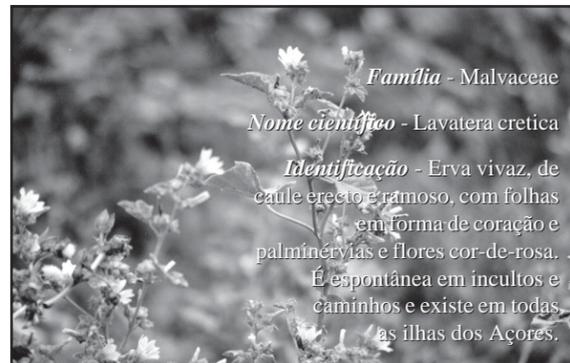
Nos nossos dias, a malva

continua a ser usada medicinalmente pelas populações das diversas freguesias do concelho da Ribeira Grande. A título de exemplo, referiremos o seu uso na Maia e no Pico da Pedra. Na freguesia da Maia, a malva era usada para “inchaços e inflamações” sendo o modo de emprego o seguinte: “coloca-

-se um litro de água a ferver sobre algumas folhas, ficando a repousar durante 10 minutos. Depois utiliza-se a infusão várias vezes ao dia conforme a gravidade da doença”. No Pico da Pedra, a malva é utilizada para tratar inflamações da bexiga. De acordo com o inquirido que efectuámos em

1992, a decoção era preparada do seguinte modo: “deixa-se ferver lentamente 150 g de folhas e flores, por litro de água, durante 20 minutos. Filtra-se e adoça-se com mel e toma-se três ou quatro xícaras de chá durante o dia”.

Utilização - De acordo com o Eng.º Silvano Pereira (1953) “as suas folhas são usadas em cataplasma e a sua infusão em loção nas feridas e inflamações, pelas suas propriedades emollientes”.



Teófilo Braga

Ficha Técnica:



Jornal Mensal

Director: Oliveira Moura

Director-adjunto: Melo Teodoro

Colaboradores: António Valdemar, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Fátima Borges, Fernando Silva, João Teixeira, Luís Noronha, Nelson Tavares, Onésimo de Almeida, Pe. António Rocha, Pe. Edmundo Pacheco, Pedro Câmara Pereira, Teófilo de Braga, João Miguel Fernandes Jorge

Propriedade:



Cooperativa Mãe d'Água, C.R.L.
Sede: Centro Cultural de R.Grande

Publicidade: Luís Faria

Contacto: 919020517

Paginação: Francisco Veloso

Tratamento de Texto: Marília Dias, Carlos Arruda

Contribuinte N.º 512 060 398

Número de Registo: 123813

Apartado 6, 9600 Ribeira Grande

Correio electrónico: estrelaoriental@portugalmail.pt

Telm. 963560639

Depósito Legal N.º:166371/01

Impressão: Coingra

Parque Industrial de R. Grande

Tiragem 1500 exemplares

Opiniões - O artigo do jornalista Manuel Moniz, publicado no *Diário dos Açores*, 09. 11.01, tocando com o dedo numa das feridas que *A Estrela Oriental* tem vindo a tentar curar, ou pelo menos a esforçar-se por levantar a questão, o persistente modelo de desenvolvimento decalcado dos ex-distritos de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta, suscitou o desejo de alargar tal debate a um grupo de personalidades, isso sem menosprezar qualquer interessado que o queira fazer junto das páginas deste Jornal, no sentido do seu aprofundamento. Por outras palavras: qual, efectivamente, o melhor modelo de desenvolvimento para uma Região já não com três mas com cinco cidades? Para o caso concreto do Grupo Oriental da nossa Região: deveremos nós viver ainda naquela subserviência onde Ponta Delgada é São Miguel e, em simultâneo, Santa Maria e o resto paisagem? O leitor dirá de sua justiça.

Os ricos e os pobres das ilhas



O artigo publicado no *Diário dos Açores*, de 9 de Novembro, sob o título "Modelos de Desenvolvimento" suscita alguma reflexão política.

De facto os dados divulgados sobre o poder de compra Regional (com a Ribeira Grande a fixar-se nos 49,8%) demonstram claramente que as novas cidades açoreanas não se estão a desenvolver económico-socialmente a um ritmo aceitável, o que significa que temos um grave problema de interioridade à semelhança, aliás, do que se passa no continente português.

A causa das causas de toda esta disparidade tem a ver com o modelo de autonomia adoptado nos Açores; ou seja, antes de ser uma questão económica ou de modelo de desenvolvimento económico é uma questão de modelo político ou de filosofia da autonomia política.

O modelo de autonomia política adoptado nos Açores, desde a lusa abrilada de 74, é um modelo de autonomia centralista, segundo o qual o que interessa fundamentalmente é criar um eixo à volta do qual gire a esfera da vida económica e política da Região.

Esta concepção passadista reflecte uma filosofia política tributária do Portugal do

Estado Novo em que Portugal era de facto só Lisboa e o resto era só paisagem.

Com o advento da autonomia política passamos a ter uma Região a duas velocidades porque se pensou, erradamente a nosso ver, que a concentração do investimento no centro traria por via reflexa o desenvolvimento da periferia. Ora o que se passou foi exactamente o contrário: houve uma deslocação de pessoas, bens e serviços para os grandes centros, aí se concretizando os principais bens e serviços, o capital e a força de trabalho, os interesses vitais da economia açoreana.

Ponta Delgada transformou-se assim na capital dos novos ricos dos Açores.

No concelho da Ribeira Grande, por exemplo, existem freguesias completamente abandonadas pelos poderes públicos, como é o caso da freguesia das Calhetas onde nada se faz para resolver o problema da orla marítima que põe em perigo permanente a vida e a segurança da população local.

Os parentes pobres da Autonomia estão abandonados à sua sorte porque do modelo político que temos entre nós outra realidade social não podia resultar.

Temos Cidades manequim ou Cidades fantasma criadas só artificialmente, entes com forma de cidade mas sem vida económica e sem vida cultural. Com a Autonomia política diminuiu a emigração mas aumentou a imigração, apareceram as Cidades satélite e as aldeias dormitório sem vida própria, convertidas em submundos de uma sociedade de

consumo sem alma.

Só com a mudança da filosofia autonómica dos nossos políticos podemos travar esta tendência perversa que está a causar a desigualdade injusta entre açoreanos e a criar Cidades de primeira e Cidades de segunda.

Antes do 25 de Abril de 1974 tínhamos portugueses de primeira e portugueses de segunda.

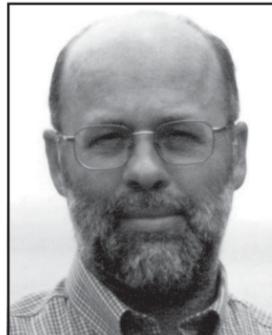
Depois do 25 de Abril de 1974, temos açoreanos de primeira e açoreanos de segunda.

Dantes a injustiça nascia lá fora, de outra terra, de outra gente.

Agora a injustiça nasce cá dentro, nasce na nossa terra, da nossa gente.

Pedro Paulo Silva

Por um verdadeiro desenvolvimento



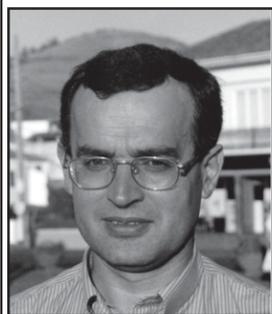
O motor que fez avançar a História, nas palavras de Francis Fukuyama, foi o desejo incessante do servo obter reconhecimento e não a complacência ociosa do senhor, mais as suas batalhas. Não há desenvolvimento colectivo sem o desenvolvimento do cidadão individual. Não há desenvolvimento a duas ou três velocidades. Poderá haver, isso sim, crescimento a várias velocidades. O desenvolvimento é, à partida, harmónico. O crescimento económico é necessário ao desenvolvimento. Mas não basta para se atingir o desenvolvimento. Os Açores nunca serão uma Região desenvolvida no seu todo se as suas partes – as nove ilhas – não forem

também desenvolvidas. A União Europeia está a construir-se. E um dos seus grandes pilares é a coesão económica e social. Para tal, tem-se criado os Fundos Estruturais, o Fundo de Coesão, os Programas POSEI, etc.. As regiões ultraperiféricas têm um artigo próprio no Tratado da UE que lhes confere o direito a medidas específicas, no intuito de esbater as desvantagens da insularidade e da ultraperiferia e promover a convergência do desenvolvimento destas regiões. Os Açores, nos últimos 25 anos, deram grandes passos no sentido do seu desenvolvimento. Um desenvolvimento harmónico que dá toda a razão de ser à Autonomia. Com a chegada do PS ao poder tem-se vindo a caminhar no sentido de uma maior valorização do crescimento económico de algumas ilhas e Concelhos em detrimento do desenvolvimento harmónico do todo regional. O PS tem concentrado os meios financeiros em obras e incentivos nas ilhas maiores, nomeadamente no maior aglomerado populacional da Região que tem como extremos a freguesia da Relva e a freguesia de Santa Cruz,

no concelho da Lagoa. Tem-se vindo a concentrar os meios financeiros públicos num maior apoio ao turismo em detrimento da agricultura e do sector dos lacticínios. O Governo tem vindo a concentrar os meios financeiros no meio urbano em detrimento do mundo rural. Com este Governo socialista tem-se vindo a crescer a várias velocidades. Mas o todo Regional continua a caminhar sempre separado, a uma distância constante, do todo nacional. O PIB *per capita* dos Açores estagnou nos últimos cinco anos, quando comparado com a média do País. Nos Açores, os socialistas estão a aplicar uma receita – a da exclusão de partes, para crescimento de outras – que tem-se vindo a combater, desde o início do regime autonómico, no nosso relacionamento financeiro com Lisboa e, depois, com Bruxelas. Quem assim age, não tem um projecto político para os Açores. Quem assim age, tem um projecto político-partidário de manutenção no poder.

Hermano Aguiar

Indicadores e variáveis: precauções



Se olharmos apenas para os valores dos índices de poder de compra concelhio agora divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística somos tentados, numa forma talvez apressada, a tirar duas conclusões. Por um lado, que os Açores apresentam um poder

de compra que ascende a apenas 66% da média nacional em 2000 (embora em 1997 aquele valor não ultrapassasse 60%). Por outro lado, alguns cálculos simples indicam que a desigualdade entre os diversos concelhos da Região tem vindo a aumentar, no que concerne àquele indicador.

Importa, no entanto, antes de se tirar conclusões precipitadas sobre o modelo de desenvolvimento a seguir, questionar a natureza deste indicador e averiguar até que ponto ele pode dar uma visão enviesada da realidade.

Tal indicador é determinado com base em 18 variáveis, entre as quais a densidade populacional, os depósitos à ordem nos bancos, o

volume de emprego, o valor dos prédios urbanos transaccionados, as receitas da hotelaria e o número de empresas.

Se é verdade que estas variáveis podem ter uma ligação mais ou menos indirecta com o poder de compra, não é menos verdade que a escolha das próprias variáveis pode enviesar os resultados a favor de determinados concelhos. No caso vertente, julgo que o resultado final é fortemente enviesado a favor de concelhos mais urbanizados e com elevada densidade populacional. Os concelhos rurais são naturalmente penalizados, num indicador construído desta forma. Pessoalmente não concordo que este índice de poder de compra

concelhio, tal como é actualmente construído, possa ser utilizado para definir ou redefinir modelos de desenvolvimento a nível regional. Em primeiro lugar, porque tem uma construção defeituosa. Em segundo lugar, porque ele não constitui um verdadeiro indicador de bem-estar. Por isso, prefiro a utilização de outras medidas menos enviesadas e mais próximas de medição do bem-estar, como é o caso dos Indicadores de Conforto do INE, os quais deveriam ser desenvolvidos de forma a permitir uma comparação entre concelhos.

José Cabral Vieira

Azálea Florista

Deseja um Santo Natal e Feliz Ano Novo

Rua de S. Francisco, 53 Tel: 296 473 499
9600 Ribeira Grande Fax: 296 473 399

SAPATARIA LIMA

R. Gonçalo Bezerra, 37 9600 - RIBEIRA GRANDE Tel: 296 472 732

casa & objectos

Estamos em frente ao Teatro Ribeiragrãndense Abertos ao sábado

AÇORES

Vieiras, Lda

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ALVARÁS e ORÇAMENTOS

IVL

Telefs.: 296 472 111 · 296 472 238 · 296 490 150
Fax: 296 491 732
9600 RIBEIRA GRANDE

MGS

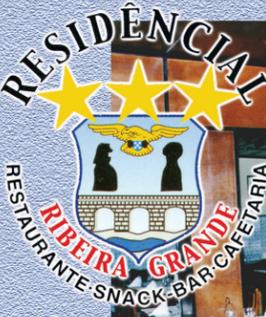
Confeção - Limpeza a Seco

Limpeza a Seco - Lavandaria

Todo o vestuário: limpeza e tratamento de peles, vestidos de noiva, edredons, cobertores

Atendimento Personalizado

Rua da Praça, 35 Telef./Fax: 296 474 189




Cherne na telha
Espetada de espadarte c/ gambas
Rojões com ananás grelhado no espeto
Bife à Residêncial

R. dos Condes da Ribeira Grande
Tel.: 296 473 488 | Fax: 296 473 878 | TLM: 917 889 858

JOSÉ DO COUTO, LDA.

AREIA DRAGADA
E AREIA FABRICADA

EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ESTRADA REGIONAL, N.º 34 ◆ 9600-214 RIBEIRA SECA RGR
TEL.: 296 470 410 ◆ FAX: 296 470 419




ENG. TAVARES VIEIRA, LDA.

Estudos e Projectos de Arquitectura e Engenharia

Membro da APPC, APAE e APESB
Membro individual da Ordem dos Engenheiros

Elaboramos na área de Arquitectura e Engenharia:

- Estudos
- Projectos
- Fiscalizações
- Apreciação de propostas
- Avaliações
- Planos de segurança, higiene e saúde de prevenção de acidentes de trabalho

HÁ DUAS DÉCADAS

Procuramos garantir aos nossos clientes:
“A melhor solução no espaço e tempo disponíveis e um bom termo na execução das obras”



*Feliz Natal e Um
Próspero Ano Novo*

Sede: Rua El Rei D. Carlos I n.º 67 – 9600 Ribeira Grande
Telef.: 296 470060 (RDIS) – Fax: 296 470061 – E Mail: tavares.vieira.rg@netc.pt

Delegação: Rua N. Sra. do Rosário n.º 4 – 9630 Nordeste
Telef. e fax: 296 488007 – E Mail: tavares.vieira.nord@netc.pt

FOTO & VIDEO
Franco e Arruda, Lda

R. do Melo, 12 - P. Delgada
R. S. Francisco, 48 - R. Grande



MINOLTA

Dynax 303 si zoom 35-80- 57.915\$
404 si zoom 35-80- 61.074\$
404 si zoom 28-80- 66.339\$
505 si zoom 28-80- 77.922\$



OLYMPUS C1 71.910\$
C1 ZOOM 93.750\$



FLASH CARD 32MB HITACHI
SM CF 32MB 16.550\$
CF 128MB 25.700\$



MINOLTA F35 5.265\$
F35 DATA 8.424\$
RIVA ZOOM 35-70 17.901\$



Polaroid JOYCOM 5.895\$

PINTURAS EM TELA
DESDE 7.120\$



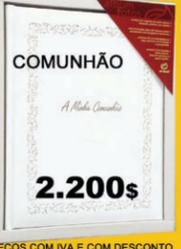
DESDE 3.750\$



Vivitar T191 1.080\$
c/flash 1.733\$



CASAMENTO 3.840\$



COMUNHÃO 2.200\$

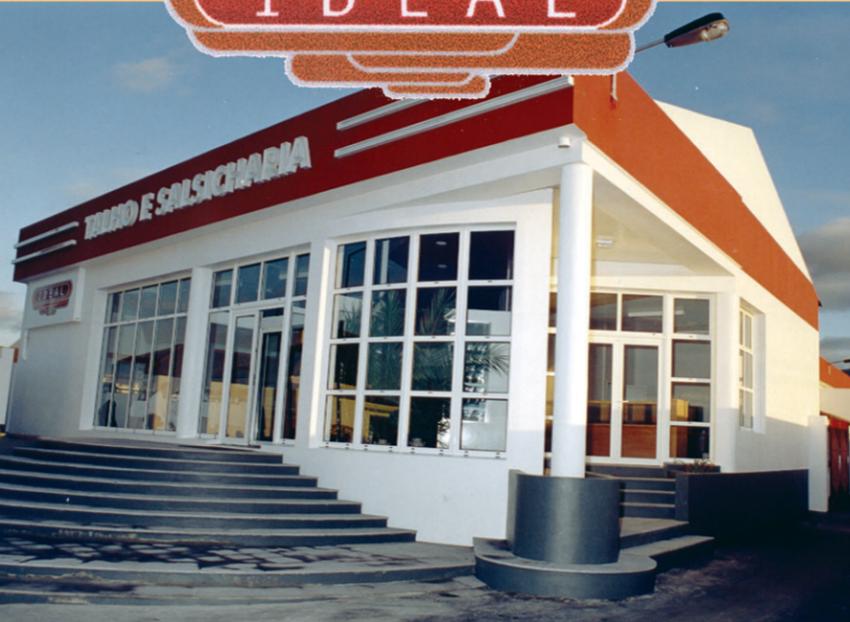
PREÇOS COM IVA E COM DESCONTO

PROMOÇÕES DE 10 a 20%

PROMOÇÕES

TALHO E SALSICHARIA

IDEAL



PROMOÇÕES DE ABERTURA

Chouriço da Ribeira Grande
Carne de porco e vaca
Diversidade de enchidos

MARIANO BRUM GOUVEIA & FILHOS, LDA.



Materiais de Construção
Ferragens - Ferramentas

Loja de Ferragens
296 490 120

Central de Madeiras
296 490 120



Tubos, Canalizações



Telha Sol

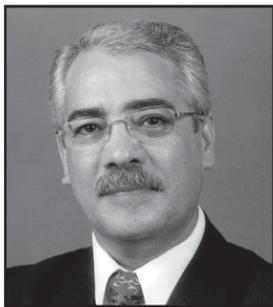


Pavimento



Ferragens, Ferramentas
Materiais de Construção
Madeiras Regionais, Exóticas e Diversas
R. Dr. Francisco Sá Carneiro, 5

'Não nos podemos fiar em sapatos de defunto'



Em 1996, a Ribeira Grande recuperara o índice de poder de compra e passou para cima dos 50%. No entanto, este ano, constatamos uma grande descida. É certo que os Ribeira-

grandenses têm uma grande capacidade para criar riqueza, até porque aqui existem inúmeras empresas e das maiores indústrias dos Açores, como é o caso dos lacticínios e da construção civil.

Estas indústrias geram muitos impostos para os cofres do Estado, sendo a Ribeira Grande o 2.º Concelho dos Açores, logo a seguir a Ponta Delgada, nas taxas de arrecadação de receita.

Contudo, o poder de compra desceu. Considero

por isso, que a repartição da riqueza é inversamente proporcional àquilo que se produz.

Muitos Concelhos vivem à sombra do orçamento governamental, o que não é o caso da Ribeira Grande que nunca mereceu, ao longo destes anos do regime autonómico um tratamento adequado e justo.

Por outro lado, os sectores primário e secundário são muito fortes no Concelho. No entanto, o sector terciário é muitíssimo

pobre. Falta-nos os serviços que é uma área em que a nossa Cidade é carente. Caberá ao governo ajudar-nos neste sentido. Portanto, quem produz ganha muito menos dos que estão na área dos serviços. Considero que o poder de compra desceu porque também se degradaram na generalidade os rendimentos auferidos pelas famílias do Concelho.

Como se sabe o Concelho da Ribeira Grande tem gravíssimos problemas sociais, com largos ex-

tractos da população dependentes do Rendimento Mínimo, o que pode igualmente explicar a baixa do índice do poder de compra.

Já se reconhece publicamente que o modelo de desenvolvimento deve ser alterado, porquanto têm-se beneficiado as ex-capitais de Distrito, enquanto as novas Cidades apenas têm os municípios com a grande responsabilidade de investimentos públicos.

Urge, pois, estimular os que trabalham e produzem,

como forma a não só criar mais riqueza, como também reparti-la de forma adequada.

Os Ribeiragrandense, de uma ponta à outra do Concelho, sempre contaram em primeiro lugar consigo próprios, só depois com os orçamentos dos governos.

É preciso mais justiça social.

António Pedro Costa

Que desenvolvimento para o concelho da Ribeira Grande?



Instado a comentar um artigo do jornalista Manuel Moniz, publicado no *Diário dos Açores*, de 9 de Novembro, denominado "Modelos de Desenvolvimento", cuja base de trabalho foi a recente divulgação dos dados sobre o poder de compra Regional, inclusive os da Ribeira Grande, faço-o com gosto, mas também com um misto de preocupação tendo em conta o que se pode ler através do recente estudo do Instituto Nacional de Estatística sobre o poder de compra no país no ano 2000. Reconheça-se que é um artigo muito interessante porque toma como centro da sua reflexão os Açores versus o Desenvolvimento. Contudo, há dados a reter pela sua diferença positiva ou negativa. O primeiro é que a Região Autónoma dos Açores, embora continuando na cauda das sete regiões do país, o seu poder de compra passa de 60% para 66% aproximando-nos do Alentejo, em penúltimo lugar, com 70%. Há um

caminho que tem de ser percorrido, mas estamos a fazê-lo dentro dos grandes problemas que as regiões ultraperiféricas possuem.

No que concerne à situação nos Açores, sobretudo a nível das correlações entre os seus concelhos, o articulista conclui que a tese do *crescimento harmonioso caiu por terra* e há que buscar outro modelo de actuação. Neste sentido, discordo totalmente da tese do possível retorno à concepção dos ex-distritos. Tal modelo aprofundaria as desigualdades entre os vários grupos de ilhas além de voltar costas à unidade que os Açores hoje têm em termos de Região insular e à preocupação governamental de a todos fazer desenvolver. O desenvolvimento é diferente do crescimento e nisto Manuel Moniz não é claro, mas é isto que se pretende para os Açores se bem que a participação de cada ilha para esse desiderato esteja à dimensão da mesma.

Hoje, mais do que nunca, o desenvolvimento não tem um modelo puro, perfeito, de cariz industrial. As regiões têm de saber aproveitar os seus recursos dando mais ênfase às actividades que lhes podem trazer mais qualidade de vida e bem-estar.

Preocupante já é a situação do concelho de Ribeira

Grande que aparece como uma "ovelha negra" do poder de compra baixando a sua situação de 50% para 41%. E isto é tanto mais preocupante quando existem vertentes no estudo que se prendem com o emprego, rendimento declarado no IRS, depósitos à ordem na banca, crédito à habitação, receitas de hotelaria, etc. Tenho defendido que o concelho da Ribeira Grande tem de colocar o desenvolvimento económico no cerne das suas preocupações autárquicas. O desenvolvimento passa pela conjugação dos poderes Regionais e Locais. O investimento de um tem de ser acompanhado pela actuação do outro. E é nisto que insisto na necessidade de um Contrato Social para o Desenvolvimento do Concelho em que o Governo, Autarquia e privados se complementem e se interseccionem com vista à criação de mais riqueza. O Concelho tem condições para o fazer. Para isso terá de haver uma estratégia que passe pelo objectivo de aumentar a Produtividade, o Investimento e fazer crescer o Emprego. Gostaria de enunciar algumas medidas fulcrais que podiam mudar a face do concelho:

- Apoiar de forma empenhada a Agricultura e a Pecuária nos caminhos

agrícolas e no abastecimento de água;

- Reforçar a actividade industrial e dinamizar o Parque Industrial da Ribeira Grande;

- Promover e valorizar a actividade comercial do concelho;

- Beneficiar os pequenos portos de pesca do concelho;

- Incentivar a instalação de novos Serviços e Indústrias no Concelho;

- Explorar as enormes potencialidades turísticas do concelho;

- Promover a instalação de unidades hoteleiras e de turismo no espaço rural.

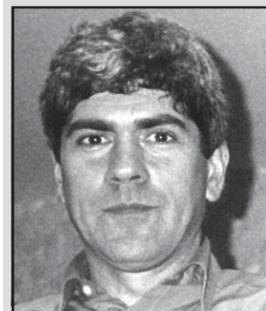
Julgo que tal estratégia a médio e longo prazo, cruzando poderes Regional e Local e os Privados, dariam ao Concelho a recuperação necessária e sobretudo o lugar que ele merece no contexto da ilha e da Região. Contudo, tenho uma grande esperança e confiança na capacidade de os açorianos, assim como os ribeiragrandenses, invertirem a sua situação e proporcionarem a si próprios mais qualidade de vida e bem estar num futuro próximo.

Ricardo Silva

Ciência

"Os quês e os porquês"

ponter@ aer.com



A noite passada ressonava eu no meu descanso quando os relógios cá de casa, quase diria que religiosamente, passe o neologismo, se lembraram todos de andar para trás, que é como quem diz no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Assim mesmo, sem mais nem menos, toca de andar às arrecuas. Das razões para tal soluço horário falaremos noutra altura. Interessa para a nossa história é que, mal abri os olhos, me dei conta que afinal nem todos os dias tem 24 horas, o de hoje tem 25 horas bem contadas, mesmo que seja por uma qualquer conspiração "religiosa", e que por isso há que aproveitar a dádiva. E vai daí, decidi que era hoje, era com essa hora milagrosa que ia finalmente atirar-me à escrita e convidar-vos para falar de ciência.

Mas a que cargas de água, perguntarão os leitores. A história é simples. Já lá vão alguns meses que o Mário Moura se lembrou, e quanto a mim muito bem, de trazer a ciência e os seus temas às páginas d'*A Estrela Oriental*. Entrou-me o repto pela porta dentro, veio cair-me à frente dos olhos no monitor do iMac, e eu, depois de algumas delongas, lembrei-me de aceitar. Um pouco para desenferujar a língua portuguesa, a vegetar em terra estrangeira há longos anos. Um pouco para deixar o exílio e voltar à terra donde se calhar nunca saí. Mas também um pouco para ajudar a sacudir o marasmo de um país que anda há mais de oito séculos embevecido com a sua

veia poética, sem que lhe reste tempo para essas ninharias da ciência.

Ora como nos santos sacramentos, depois de dar o sim é que são elas. Rabiscar não é coisa que se faça de ânimo leve. Mas entre os rios de tinta gastos no mexerico político e no enredo futebolístico, umas parcas pingas sobre ciência também não hão-de cair no gota a ninguém. Para mais, o país, a região, a cidade precisam de se deixar perverter pela coisa científica quanto baste, para variar. E então qual vai ser o objecto da nossa perversão? Genoma humano, condensados de Bose-Einstein, nanorobótica? Nada disso, deixemos tais delícias para mesas mais abastadas e contentemo-nos em debicar "os quês e os porquês" de coisas mais mundanas. Por exemplo, saber porque é que o Sol se deita e acorda vermelho de raiva e o arco-íris traz sempre um ar de chuva, ou porque é que a Lua não nos cai na cabeça lá de cima e o Sol nunca se apaga. E se por acaso nos formos enredar na teoria dos fios ou cair num buraco negro, havemos de nos desenrascar.

Em suma, vamos andar sempre de pergunta na ponta da língua, partir à procura das respostas, a ver se conseguimos dar com elas, e, ao fim e ao cabo, aprendermos todos a ser cientistas. E sempre com o cuidado de não encher muito papel! Sendo assim, para convite já basta. Temos então encontro marcado, aqui n'*A Estrela Oriental*, todos os meses. Tragam a vossa curiosidade, as vossas questões, e venham sentar-se à conversa. Não ver que afinal todos nós temos costela de cientista. À descoberta!

Cambridge, Massachusetts

Rui Melo Ponte

IEI



Instalações Eléctricas Industriais, Lda.

Executamos Instalações: Eléctricas Telefónicas Elevadores Ar Condicionado
Redes de Distribuição de Média e Baixa Tensão
Postos de Transformação

Comércio de Material Eléctrico

Rua Eng.º José Cordeiro, 10 APT. 251 9501-903 Ponta Delgada
Telef. 296 30 23 30 Fax 296 63 64 75 iei.sede@mail.telepac.pt

Traços autobiográficos

A minha formação de base é em Antropologia, daí transitei para o domínio da formação e de profissionalização. Entre 1981 e 1990, dirigi o Departamento de



Museologia. Licenciiei-me em Ciências Antropológicas e Etnológicas. Fui aluno do Dr. Jorge Dias, mas quem realmente leccionava era o Dr. Veiga de Oliveira, a quem o Dr. Jorge Dias tinha confiado a regência da cadeira de Museologia que integrava o plano de estudos desse curso de Licenciatura. Foi com ambos que, em termos de ensino e da aprendizagem nesta área, me iniciei. O começo da actividade profissional, porém, ocorreu em Luanda, no Instituto de Investigação Científica de Angola, onde existia um Departamento de Museologia, de que dependia o Museu de Nossa Senhora da Muxima. Aí o encontro pessoal e profissional foi com o Professor Augusto Mesquita de Lima, que estava à frente desse Departamento. Foi, pode dizer-se, a passagem para um processo de prática, ou de estágio na área da Museologia, inerente ao percurso da carreira de investigação. Em 1976 regresssei a Coimbra, donde sou natural, e ingressei no Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra, onde permaneci até 1981 como um dos elementos responsáveis por esse Museu. O que constituiu efectivamente uma continuação no processo de

Etnologia do Instituto Português do Património Cultural, repartindo essa actividade com outro docente convidado da Universidade Nova de Lisboa. Aí começou um novo ciclo, o da docência ligado à área da Museologia, que a partir de 1996/97 passou a ser exercida em exclusividade, uma vez que transitei para o corpo docente da Universidade Nova de Lisboa, onde tenho permanecido como docente, na área da Museologia, de cadeiras do curso de Licenciatura. Em 1997, doutorei-me em Antropologia, na especialidade de Museologia e Património. Presentemente, também como coordenador/docente do curso de Mestrado em Museologia e Património, que se ministra na U. Nova. Nesta qualidade de docente na área da Museologia, tenho colaborado com outros cursos nomeadamente o Mestrado da Universidade de Évora e mais recentemente o curso de pós-graduação em Património, Museologia e Desenvolvimento, que a Universidade dos Açores está presentemente a leccionar.

Diálogos: Prof. Doutor Coutinho Gouveia

I Parte

Conhecimento da nossa realidade patrimonial

MM: O que conhece da realidade patrimonial dos Açores?

CG: Os meus contactos com os Açores datam de meados dos anos oitenta, quando, enquanto director da revista *Património e Museus*, de duração efémera, participei na organização de um número temático dedicado à realidade museológica açoreana. Devo, no entanto, prevenir que, na perspectiva museológica e patrimonial, não sou um especialista em assuntos dos Açores, nem sequer também sou uma pessoa ainda devidamente informada sobre a realidade dos Açores.

MM: Que impressões já formou acerca desta realidade?

CG: Relativamente à realidade museológica açoreana, realcei num texto introdutório ao livro que o Mário Moura publicou sobre o "Arcano Místico", que um dos aspectos que sempre me impressionou de uma forma particularmente favorável foi, desde há algum tempo, o investimento decisivo (eventualmente estará a começar a produzir frutos e resultados), pelas pessoas responsáveis na formação. O que permite, efectivamente, explicar a existência de um conjunto de especialistas qualificados na área da

Museologia e do Património.

Comentário a projectos museológicos na Ribeira Grande. Ampliação do Museu da Ribeira Grande e desenvolvimento da Cidade

MM: Gostaria que, de um modo sucinto, comentasse alguns dos projectos em curso do Museu da Ribeira Grande como vectores de desenvolvimento local.

CG: Embora com a cautela exigida, dado o grau do meu conhecimento sobre essa realidade, precisaria ainda de um maior aprofundamento, devo naturalmente começar pelo principal projecto nesse âmbito: a ampliação do actual Museu. A ampliação do actual Museu, trata-se de facto de

uma renovação profunda, irá dar-lhe uma nova configuração e novas possibilidades de intervenção. Renovação, que tem como principal elemento, a construção do novo edifício; o qual, segundo a opinião dos próprios entendidos no plano arquitectónico, é extremamente interessante. Tive ocasião de analisar o projecto [da autoria dos arquitectos Célia Gomes e Pedro Costa, *N.R.*], no qual, em minha opinião, se se contemplar/verificar, de facto, uma funcionalidade equivalente às qualidades que manifesta no plano arquitectónico, tratar-se-á de um grande trunfo, de um elemento fundamental desta política museológica, da nova política museológica. Um segundo vector a desenvolver seria à volta de algumas temáticas, alguns testemunhos que existem na Ribeira Grande, que são claramente de um grande valor no plano identitário, dos quais salientaria os testemunhos ligados à 'moagem'. Tratar-se-ia, de uma série de iniciativas que podem ser consideradas como musealização de sítios na sequência de um estudo que já foi feito e que fornece a este tipo de programas a devida base de fundamentação e, que foi feito e publicado por si. Teriam, certamente, um grande impacto em termos do próprio contexto urbano, uma vez que toda a questão da moagem termina praticamente em pleno Centro da Cidade, como se verifica nos testemunhos, à espera da devida reconversão museológica, que exis-

tem junto às pontes da ribeira do Paraíso.

Museu da Emigração: Museu que ultrapassa as fronteiras da Ribeira Grande
Afirmção da Cidade no contexto Insular e Nacional

CG: Por último pretendia, seria conveniente ainda abordar um assunto que tem sido também ventilado como possibilidade de novo desenvolvimento museológico: o Museu da Emigração. A emigração, não direi nada de novo, é claramente uma temática de extraordinária importância. É uma temática cujo tratamento tem que ser feito de uma maneira muito cuidadosa, pois existe o perigo de fazer uma espécie de Museu ligado aos pequenos eventos da emigração, uma espécie de *Museu de Recordações* dos emigrantes e da emigração. Fazer, sim, um projecto linear e programado, um que efectivamente dê as várias vertentes, os aspectos que são fundamentais da temática da emigração.

MM: Se me permite, tenho acompanhado nos jornais o assunto, o que falta é ultrapassar um pouco o diletantismo.

CG: Exactamente.

MM: Portanto, entregá-lo aos profissionais. Passar do plano das ideias para o da concretização.

CG: A abordagem museológica da temática da emigração é comparável a



de

Álvaro Manuel Morgado Raposo

Novas colecções Outono/Inverno e um mundo de brinquedos para ajudar o Pai Natal

R. Gonçalo Bezerra, 45 - Ribeira Grande
Tel.: 296 472 271 - Móvel: 96 279 88 49

"O Melhor Café da Cidade" agora com dois novos lotes: Platina e Diamante



JTABACARIA
Jovem

de João Carlos Ferreira Medeiros

Rua de S. Francisco, 88
9600 - RIBEIRA GRANDE
Telefone: 296 473 670

Junto ao Hospital

Revistas e Jornais Nacionais e Estrangeiros

algumas das novas temáticas do panorama dos museus actuais, como por exemplo, a do desporto. São temáticas que têm sempre uma possibilidade de perspetivação histórica, que é importante, mas que não é exclusiva. Quer dizer, depois há todos os outros aspectos sociais, sociológicos, económicos, antropológicos da emigração, sendo fundamental que um Museu desta natureza os documente e interprete. Para isso tem que ser um Museu com uma capacidade de imaginação muito grande.

MM: O Museu da Ribeira Grande, tem de balde, sem qualquer sucesso, mal tomou conhecimento do assunto, quer formal quer informalmente, proposto um Museu da Emigração do tipo que falou.

CG: Construir esse Museu, no contexto museológico açoreano, é uma oportunidade a não desperdiçar. Pode ser uma oportunidade de a Ribeira Grande marcar presença não só no contexto museológico regional, mas também no contexto museológico nacional, uma vez que a temática da emigração é uma *grande temática nacional* e ainda não teve até hoje nenhum museu que se ocupasse desse assunto. É uma temática que completa qualquer panorama museológico.

Museu do Moinho

MM: Além da emigração, como bem diz, que extravasa o âmbito local, o moinho tem uma incidência extra Ribeira Grande. Todavia temos tido dificuldades em fazer passar a mensagem de que este Museu do Moinho, deveria servir de trampolim para o conhecimento dos outros moinhos da realidade do "género" do arquipélago. Portanto, claramente um Museu Regional,

não no sentido administrativo, mas no sentido temático.

CG: Um Museu cuja temática tenha realmente essa projecção.

MM: Exacto. Um museu que tivesse uma ligação temática com estas mesmas realidades disseminadas por todo o arquipélago.

CG: Quer dizer, a minha posição é cautelosa, claro que a temática da moagem, nos Açores tem uma componente, um testemunho, testemunhos fundamentais no Concelho da Ribeira Grande.

MM: No caso das moagens hídricas, viviam uma relação muito íntima com o sistema eólico. Em toda a ilha, com os outros sistemas hídricos da ilha, há uma relação muito íntima e para explicá-lo, e mesmo para explicar as moagens eléctricas, há que explicitar toda uma dialéctica à volta disso. Eu não consigo explicar isso em toda a sua totalidade sem ter testemunhos deste diálogo, por conseguinte, o moinho de água da Ribeira Grande só se explicará com o eólico da Bretanha, com a moagem de Ponta Delgada, com os moinhos mais fracos, de água, do nascente do concelho.

CG: Tem de ser nesse sentido, porque, como sabe, a moagem foi, em algumas abordagens que fiz ao domínio da tecnologia, uma questão que se centra nessa problemática: é a questão da obtenção de "farinha" ao longo do ano, o que efectivamente implica o concurso de engenhos hídricos e eólicos, por vezes só hídricos, muito excepcionalmente só eólicos, para satisfazer essa procura.

MM: Além dos aspectos técnicos, há os aspectos

antropológicos, a dimensão da moagem, que ultrapassam as várias tipologias técnicas, que são interessantes não só aqui na ilha, mas em todas as ilhas.

CG: Repare a própria tecnologia, no fundo, tende a projectar-se também no plano social, económico, antropológico. É evidente que essas dimensões, que são indispensáveis, têm que estar presentes num projecto como este.

Museu do Chá

MM: Há também aqui no concelho, já falamos sobre o assunto várias vezes, diversos outros testemunhos a considerar sobre as actividades manufatureira e industrial, alguns dos quais ainda em funcionamento, nomeadamente: duas fábricas de chá ainda em funcionamento; o linho, completamente desactivado; das trempes; as indústrias do barro: das serças, das telhas e do tijolo; a antiga fábrica do álcool, etc. **Nós, no projecto do Museu da Ribeira Grande, pretendemos integrar os testemunhos destas actividades, como é o caso, entre outros, do Museu do Chá. O desactivado Museu do Chá, situado no interior da Cidade e o do Moinho, igualmente no interior da Cidade, são casos urgentes de intervenção museológica. Gostaria que desse a sua opinião.**

CG: Estávamos exactamente a comentar que são, no fundo, elementos constituintes de todo um eco de testemunhos fundamentais em termos histórico-culturais e identitários. Podem ser objecto, tendo como retaguarda a própria estrutura e o próprio leque de serviços fornecidos pelo Museu, de um programa que normalmente qualifico como de musealização. Eventualmente, em certos casos, em certas circunstâncias,

poderíamos ter pequenos museus ou museus especializados. No fundo, é um pouco a situação que se perfila para o chá, pois, tem de ser visto, relativamente aos testemunhos mais significativos existentes na área concelhia, numa perspectiva de política global. As opções serão tomadas conforme as características dos testemunhos, as capacidades de actuação do próprio Museu da Ribeira Grande, um pequeno leque de factores, podendo levar seja ao museu especializado ou à constituição daquilo que podemos chamar pólos ou antenas do Museu da Ribeira Grande.

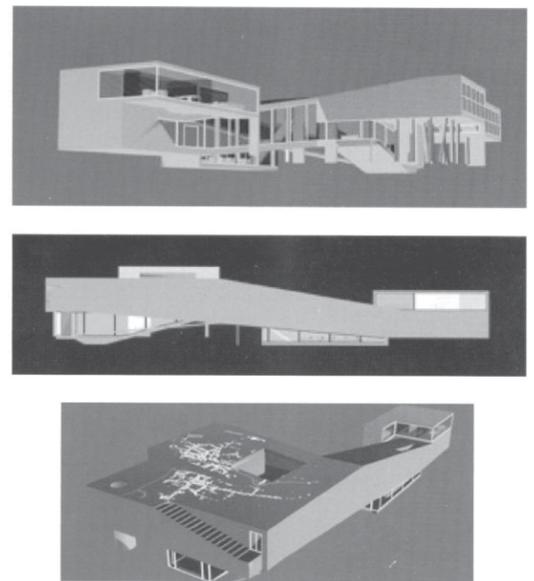
MM: **O fulcro da questão situa-se mais no ponto de vista da área da gestão, não tanto na parte conceptual, no "tipo de" museu, é mais de como gerir de um modo aceitável para os vários proprietários, como é o caso da autarquia, de um privado, no caso do linho, envolvendo também a Junta de Freguesia. As nossas dificuldades práticas têm decorrido mais desse âmbito, de algum receio por parte de proprietários, como é o caso do do linho ou do do chá.**

CG: O do chá é um caso em que há forçosamente uma intervenção da entidade privada. Não é uma situação muito diferente de algumas que se conhecem. Aqui mesmo, por exemplo, existem casos de testemunhos que exigiram um envolvimento mais directo por parte de Juntas de Freguesia, vejamos o caso do fontenário da Ribeira Seca. De facto, em relação ao qual a presidência da Junta de Freguesia tem desenvolvido um esforço apreciável, um esforço que é digno de nota, mas...

MM: Ou o caso da freguesia do Pico da Pedra com o Museu Local.

CG: Exactamente, mas em relação ao qual se nota alguma necessidade de conjugação de esforços, em que o papel da Junta de Freguesia é fundamental, mas o papel da Junta, como sabe, tem que se conjugar com outros apoios, outras colaborações que forneçam à Junta os conhecimentos relativos ao processamento dum testemunho daquela importância, que ela não tem. Estas políticas são, às

CG: É mais uma achega para esta linha de raciocínio que estamos a prosseguir. É um projecto em que a presença, como entidade central, da Igreja é evidentemente indiscutível, mas, provavelmente, a Igreja não vai conseguir reunir o conjunto sectorial de funções que são necessárias para que este projecto se desenvolva. Naturalmente, mais uma vez, se colocará a



vezes, difíceis de gerir, porque são difíceis de gerir processos que implicam colaborações, um leque de colaborações diferenciadas, mas um leque de colaborações que são diferenciadas mas que também são colaborações umas das outras. A dificuldade, mas também o sucesso está na capacidade de gerir esses processos, cujo desenvolvimento, sei por experiência própria, não é fácil.

Casa da Freira do Arcano

MM: Por último, talvez um dos maiores emblemas da terra, a Casa da Freira do Arcano. A musealização da Casa da Freira do Arcano é seguramente a tarefa mais candente e premente dos próximos tempos. Conhece bem o projecto, conhece o que é que se pretende, o que diz acerca disto?

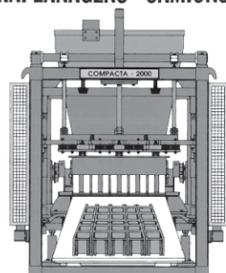
possibilidade, até mesmo a necessidade da colaboração da Igreja, como entidade fulcral no desenvolvimento deste projecto, mas provavelmente "indo buscar" a estruturas concelhias, tais como a do Museu da Ribeira Grande, os apoios que em áreas como as da conservação, de cenografia, da educação vão ser indispensáveis para que o projecto se transforme no sucesso que a temática proporciona.

A segunda parte da entrevista será publicada na edição de Fevereiro de *A Estrela Oriental*

JOÃO GOUVEIA MONIZ & FILHOS, LDA.



CONSTRUÇÃO CIVIL
MADEIRAS * BLOCOS DE CIMENTO
VIGAS E ABOBADILHAS
CARPINTARIA MECÂNICA
MÁQUINAS DE TERRAPLANAGENS * CAMIONS



SEDE: RUA DO MOURATO, Nº 70
Telfs. 296 472 377 - 296 472 468 - Fax 296 473 022
RIBEIRA SECA - 9600 RIBEIRA GRANDE
SÃO MIGUEL - AÇORES

Rádio Nova Cidade



105.5
FM

Telfs. 296 472 738 / 296 472 802 Fax: 296 472 654 e-mail: rnc@azores.net

Rodeado de Ilha

ARISTÓTELES

O outono começou com chuva. E as beladonas estiolam o aguado rosa no cimo das suas hastes. Não sei onde tenho o que escrevi sobre o tempo das beladonas. Lembro-me que dataram desse modo – tempo das beladonas – uma carta que recebi, por meados de oitenta, vinda da Ribeira Grande. Usei esse tempo das beladonas como título de um texto sobre arte. Suponho que a propósito do escultor Alberto Carneiro; ou Niizuma.

Niizuma deixara, na falésia, sobre o mar da Ribeira Grande, várias esculturas. Pedras. Pedra sobre pedra. Basalto, que sob a grande dimensão da forma, impregnava o ar marítimo de um traço frágil. Dobrava-se sobre si mesmo, num vinco de pedra. Tinham, essas esculturas do japonês, a natureza que gosta de ocultar-se e que, em arte, é quase sempre um valor de verdade que subjaz. A invocação “Aristóteles” leva-me a procurar essa valorização no território da ética. Aí subjaz, como que em repouso na fundura de uma mina de precioso metal. Na distância da terra, no corpo fundo da sua interioridade repousa esse fenómeno que dá pelo nome de verdade. Nesse princípio se baseia a beleza; e, como num espelho, a beleza da própria verdade.

Surgia sob a forma de um grande diapasão, uma das esculturas. Gostaria de a ter visto sublinhando a curva vegetal de um parque. Ou qualquer das outras esculturas: monólitos erguendo-se sobre um combro; somente assinalando uma passagem de maior internamento e que levam a uma caldeira ou a diminuto lagoaceiro.

Não sei o que lhes sucedeu. (Provavelmente tiveram o fim dos Budas do Afeganistão.)

Havia nesses imensos objectos de arte o realismo de um rosto mais do que humano. Por eles se respirava o extremo de uma relação com o plano natural, mas de repente uma atmosfera demarcava-os, como se pequenos espíritos evoluíssem ao redor do mundo percebido. Essas peças escultóricas, notáveis, (confundo-as hoje com as longas pedras de um outro japonês – Isamu Noguchi) são, juntamente com as de Minoru Niizuma, o que me traz a Aristóteles. Porque Aristóteles, batel em repouso no pequeno porto dos Mosteiros, pousado sobre o cais de pedra, assemelhou-se a um grande cetácio. Batido em pedra branca, com um vinco amarelo ao redor. Um colar de líquenes.

Há meios de chegar a um barco: um, é permanecer dentro dele como se fosse uma casa; o outro, é dar a volta ao mundo até chegarmos, de novo, ao ponto de partida. Mas ainda podemos dar-lhe a brevidade emotiva com que guardamos uma mínima fotografia. Banal. Sem qualquer intenção artística. Foi o que fiz, quando meti a fotografia do Aristóteles numa gaveta, a que chamo “dos restos açóricos”.

Nessa gaveta de um móvel desconjuntado guardo envelopes com sementes, com o local e data da recolha assinalados. Entre esses sinais botânicos estavam as sementes de um arbusto desconhecido que trouxe do quintal da casa-museu de Santa Cruz das Flores. Foi porque as procurei para as lançar à terra, que voltei a olhar para a fotografia do Aristóteles. Estava entre mapas, pequenos cadernos que funcionam como diários de viagem, fragmentos de rochas. Também se encontra nessa gaveta um ninho com três

ovos, que caiu de uma árvore e ficou em abandono. Lembro-me de um modo preciso de o ter encontrado, após uma noite de fortes ventos, num abrigo distante. Suponho que são ovos de pintassilgo, pois têm coloração azul e manchas pretas. O ninho, intacto, estava caído numa rua da cidade da Horta. A árvore, rente ao muro de um jardim, mostrava muitos ramos partidos.

Estas coisas de nada são para mim uma espécie de tesouro insular. “Materiais da vida”, diria Aristóteles dessas falhas que o tempo introduziu na minha gaveta. Diria ainda que seria bom sujeitar essas inúteis coisas a possibilidades de existência (estou a seguir o conselho), em vez de as subordinar a um corpo de normas rígidas.

Mas o meu Aristóteles há muito tempo que não é página da *Metafísica* ou da *Poética*. É, sim, este barco posto em descanso na pequena enseada dos Mosteiros. Guardo a sua fotografia. O José Sousa Gomes quis rasgá-la quando recebeu a revelação. Convenci-o a que não o fizesse. Acabei por ficar com a imagem.

No canto inferior direito, dois amigos meus encerravam, sobre si, a paisagem: o azul do mar dos Mosteiros. Quase estou a ouvir um deles: “Uma barca, deste modo simples, levou Aristóteles à corte de Pela, quando deixou Lesbos a pedido de Filipe da Macedónia e foi educar o impetuoso Alexandre.”

A barca que levou Aristóteles enfundou as velas e sulcou, veloz, as águas entre as ilhas da Helade. A um canto, protegendo-se do sol, sob uma espécie de toldo armado à popa, alheado do ritmo musculado dos remadores,

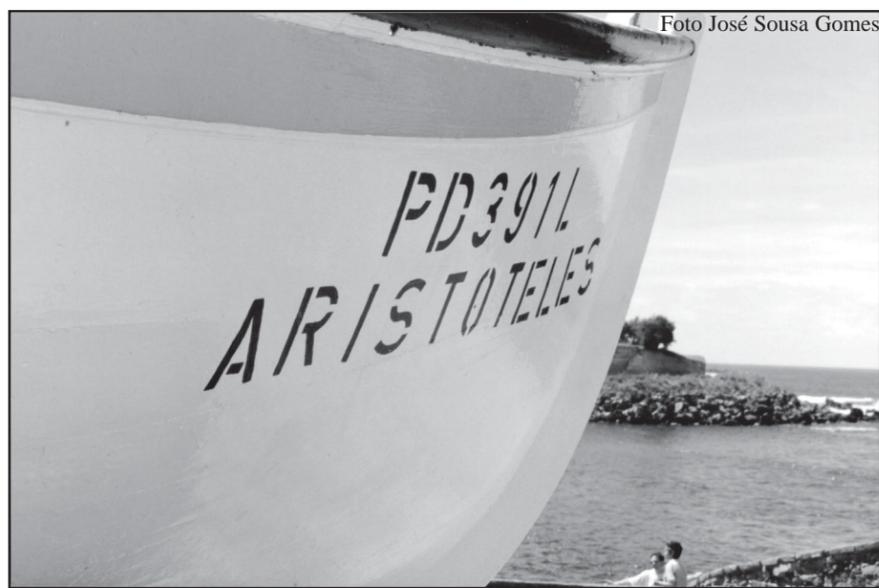


Foto José Sousa Gomes

Aristóteles talvez pensasse na vulnerabilidade do carácter de Alexandre. A primeira regra a ensinar ao príncipe seria a de que o prazer sobrevém quando a actividade nobre alcança o seu fim.

A barca, no porto dos Mosteiros, trazia por nome o do filósofo de Estagira. Um belo barco. Branco. Vincado a amarelo. Não vi o barqueiro. A estes anos de distância, suspeito que fosse o homem que, na colina fronteira ao porto, aparava um canavial. Cortava, uma a uma, as canas. Como se fossem os cabelos rebeldes de um bom gigante. Se o barco Aristóteles estivesse em terra em Vila Franca do Campo, haveria de convencer o barqueiro a levar-me ao ilhéu da vila. Mas não. Ali, nos Mosteiros, não havia qualquer ilhéu, que não os diminutos dos Mosteiros. Aguçados. Difícilmente o barco se aproximaria. E, depois, nem sei bem porquê, parecem-se com as ruínas de um castelo cobarde, no qual não me apeteceria descansar.

“Um castelo cobarde?” Já sei que me está a perguntar um dos que estão no canto inferior direito da fotografia. E fá-lo com um certo tom de temor, que não deixa escapar um ímpeto, em simultâneo, de inquietude e de agressividade. Tento ser mais claro: “Um

castelo cobarde é como o púlpito de uma igreja onde o sacerdote não pode ser interrompido durante o sermão.” Ficou mais descansado. Eu estava apenas a usar imagens. Coisas que ficam perdidas a um canto do olhar, na vibratibilidade fugaz da memória ou no desarrumo de qualquer gaveta. E o barco chamado Aristóteles? Ainda desliza, branco e amarelo. Domina a ideia de fim, como quem quebra as ondas do mar da felicidade, que é o mar de ilha onde resida a virtude. Tentei dar do barco Aristóteles a melhor imagem, tal como na tragédia se apresentam os homens bem melhores do que, de facto, são. O mais provável: não soube sair da comédia e dei do barco pior imagem do que, na verdade, tem. Um belo barco vogando o mar da ilha, inesperado branco e amarelo que traz por nome Aristóteles. Aristóteles: ninguém como ele se soube tão bem preparar para a contingência do mundo; e perceber como todos nós precisamos sempre tanto de um inimigo: palpável, visível. A fotografia regressou à gaveta dos restos açóricos. Coisas bem amadas e bem longe de qualquer abandono. Tem consigo a complexidade contemplativa de uma genealogia de sentidos: memória, vontade,

inconsciente, finitude. Também a fotografia do barco chamado Aristóteles tem deste modo o rosto e a pele das suas tábuas: parecem aflorar a matéria de um corpo de nave vindo do espaço do tempo, para dele sair num processo oposto, isto é: entrando na fundura do tempo.

“O que aprendeu com Aristóteles?” Perguntou-me, um dia, um aluno. Tínhamos terminado de comentar o “Livro V” (a justiça) da *Ética a Nicómaco*.

“Aprendi que partem pessoas da nossa vida e que chegam pessoas à nossa vida. Não sabemos exactamente porque se aproximam umas e outras se afastam e nunca mais sabemos delas. Não podemos adiar esses encontros. É que se têm lugar, então estão certos.”

“E tu, que aprendeste com Aristóteles?” Ele respondeu-me:

“Eu... Senti-me como um leão ferido por Assurbanípal; preso para sempre à pedra de um baixo-relevo assírio.”

“Cravado de setas. Mortais.” Disse baixinho, não ele, mas uma aluna, visivelmente apaixonada.

João Miguel F. Jorge

Agricultura: duas realidades?

joaot@notes.uac.pt



O concelho da Ribeira Grande possui uma área de reserva agrícola acima dos 4.300 hectares, ou seja, mais de 24% da sua área total. Rabo de Peixe é a freguesia com maior área de reserva agrícola, representando 15% do total, seguindo-se a Ribeira Seca com 13%, a Ribeirinha com 10% e a Maia e Fenais da Ajuda, ambos com 9%. As freguesias com menores áreas de reserva agrícola são a Lomba de S. Pedro e o Porto Formoso. Estes dados permitem

verificar que existe uma maior concentração de área de reserva agrícola nas freguesias da zona poente do concelho. Na verdade, podemos dividir o concelho da Ribeira Grande em dois tipos de regiões agrícolas: uma zona de relevo mais acidentado, característico das freguesias da zona nascente do concelho, desde o Porto Formoso até à Lomba de S. Pedro, e uma zona de maior planície que abrange a área das Calhetas até à Ribeirinha. Nas freguesias da cidade existem cerca de 1.600 hectares de área limpa, o que representa quase 45% da Superfície Agrícola Útil do concelho. Esta percentagem é bastante superior à verificada na ilha de S. Miguel (cerca de 12%), o que vem confirmar a importância do sector agrícola da zona

poente do concelho da Ribeira Grande.

A constatação de duas realidades agrícolas é evidente quando se analisa a estrutura fundiária e o nível de profissionalização dos agricultores. Relativamente ao primeiro indicador, não restam dúvidas de que uma característica do concelho da Ribeira Grande é o excessivo parcelamento. Existem cerca de 800 explorações com apenas 1 bloco, o que representa 34% do total. Dessas 800 explorações, 540 possuem uma área inferior a 0,5 hectares. A concentração desse tipo de explorações ocorre especialmente na zona nascente do concelho, enquanto que na zona poente já é possível observar, com maior frequência, explorações com áreas, por exemplo, acima dos 30

hectares.

A análise do nível de profissionalização dos agricultores vem confirmar o maior dinamismo e potencialidade da zona poente. Enquanto que na zona compreendida entre a Ribeirinha e a Lomba de S. Pedro apenas 14% dos produtores agrícolas são empresários, nas freguesias da cidade esta profissionalização atinge os 40%.

A profissionalização pode constituir uma vantagem

significativa para o agricultor, na medida em que disciplina a gestão agrícola e desperta para procedimentos orientados para o aumento da produtividade e qualidade. Nesta área, a zona poente encontra-se, sem dúvida, melhor posicionada. Podemos concluir que a existência de duas realidades agrícolas no concelho da Ribeira Grande (zona nascente e zona poente) é um facto, e baseia-se, sobretudo, nas características

físicas dos terrenos e no nível de profissionalização dos empresários. A zona poente é mais rica em termos agrícolas e possui melhores condições para a adopção de maiores graus de mecanização, que permitirão atingir uma produção equilibrada e racional.

João Teixeira

Boa Gastronomia
com o Mar
Como Horizonte

Largo East Providence, 68 - Ribeira Grande - Telef. 296 473 516 - Fax 296 473 023

Plano de Animação do Comércio Tradicional

NATAL 2001

Ribeira Grande



Câmara do Comércio e Indústria
de Ponta Delgada

Dias	Ações	Horário
10	Pai Natal (distribuição guloseimas) Desfile de crianças - O Pai Natal ficou em casa	10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00 15:00 às 17:00
11	Pai Natal (distribuição guloseimas)	10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00
12	Pai Natal (distribuição guloseimas) Doce Capote (distribuição doces tradicionais) Desfile de crianças - O Pai Natal ficou em casa	10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00 10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00 15:00 às 17:00
13	Pai Natal (distribuição guloseimas) Grupo musical - Galandum Galandaine	10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00 Manhã
14	Pai Natal (distribuição guloseimas) Doce Capote (distribuição doces tradicionais) Grupo musical - Galandum Galandaine Comboio "Lagarta"	10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00 10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00 Tarde Todo o dia
15 Sábado	Pai Natal (distribuição guloseimas) Doce Capote (distribuição doces tradicionais) Grupo musical - Galandum Galandaine Folclore	10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00 10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00 Manhã 16:00 às 18:00
17	Pai Natal (distribuição guloseimas) Desfile de crianças - O Pai Natal ficou em casa	10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00 15:00 às 17:00
18	Pai Natal (distribuição guloseimas) Doce Capote (distribuição doces tradicionais)	10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00 10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00
19	Pai Natal (distribuição guloseimas)	10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00
20	Pai Natal (distribuição guloseimas)	10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00
21	Pai Natal (distribuição guloseimas) Doce Capote (distribuição doces tradicionais) Desfile de crianças - O Pai Natal ficou em casa Comboio "Lagarta"	10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00 10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00 15:00 às 17:00 Todo o dia
22 Sábado	Pai Natal (distribuição guloseimas) Doce Capote (distribuição doces tradicionais) Folclore	10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00 10:30 às 12:30 / 16:00 às 18:00 16:00 às 18:00



**Comissão Euro
da
Região Autónoma dos Açores**

www.euro.raa.pt

Tel: 296 301100

**PRESTE ATENÇÃO À DUPLA
INDICAÇÃO DE PREÇOS.
UTILIZE CHEQUES EM EUROS
DECORE PREÇOS E VALORES
MONETÁRIOS EM EUROS.**

A INTRODUÇÃO FÍSICA DO EURO EM 1 DE JANEIRO DE 2002

- **Não houve, não há e não haverá nunca conversão de escudos (notas e moedas) em Euros ao domicílio. As notas e moedas escudos são convertidas só nos Bancos.**
- **Não tenham as suas poupanças em casa. Depositem-nas nos Bancos: eles farão a conversão para Euros e sem qualquer custo.**

MAIS INFORMAÇÕES....

- **As notas e moedas Euro começam a circular em 1 de Janeiro de 2002, mas poderemos solicitar moedas Euro (até ao valor de 10 Euros) nos Bancos a partir de 17 de Dezembro próximo.**
- **Desde 4 de Janeiro de 2002 todas as caixas multibanco irão fornecer notas de 5, 10, 20 e 50 Euros (em 1 de Janeiro de 2002 só 50% das caixas estarão nessa situação).**
- **O Banco de Portugal aconselha a que não se aceite cheques Escudos a partir de 1 de Janeiro de 2002.**
- **Os bancos farão a conversão de notas e moedas Escudos até 30 de Junho de 2002. A partir daí só nas Delegações do Banco de Portugal.**

aliás lhe confere particular merecimento e encanto. Mas a Ribeira Grande deseja crescer e desenvolver-se, agora motivada na sua categoria de cidade, pelo que é necessário renovar, fazer de novo e, quiçá, destruir, para que de tudo isso resulte uma imagem de progresso e de iniciativa, que os seus mais dinâmicos cidadãos porfiadamente procuram.

E é nessa passada de progressismo, que em si mesmo não deve ser contestado, que as coisas se complicam mais, pois é quando as atitudes culturais e as sensibilidades se demonstram na crueza da sua inexistência ou seja, é nessas alturas que se pode medir a capacidade dos cidadãos e homens responsáveis pelo fazer da cidade e, infelizmente concluir que não estão à altura do valor patrimonial, que a história confere à Ribeira Grande.

A demolição completa, sorrateiramente veloz, de um edifício do século XVII, mesmo no centro da cidade, fronteiro ao café Central, onde se reúnem muitos dos cidadãos empreendedores e zelosos do bom nome da cidade e ainda bem visível das varandas do edifício da Câmara Municipal, é a prova desse facto.

Naturalmente que o edifício estaria lastimável na sua funcionalidade, poderia motivar perigo para os transeuntes, mas seria mesmo necessário demolir num ápice a sua fachada e o seu interior, sem salvar guardar correctamente as suas melhores pedras, a cantaria barroca e elementos característicos da sua estrutura? Um estudo feito há vários anos, para a rudimentar salvaguarda do centro histórico e que nunca chegou a ser aprovado, por razões mais ou menos fúteis e egoístas, considerava aquele edifício valor a preservar!

Que força e razão teria então o seu proprietário para atempadamente e com critério, não proceder às acções necessárias, de modo a preservar o seu valor essencial, com o cuidado e a sensibilidade que a história e a arquitectura daquele edifício mereciam?

A resposta é a que parece óbvia! Sentiu-se com força, porque achou que não seria eficaz e fortemente punido, para além de perceber que as razões legais e burocráticas jamais o auxiliariam a resolver prováveis incapacidades de técnica e economia, para uma operação cuidadosa. Por outro lado sentiu-se ainda com força porque considerou que a



insensibilidade geral, para além de um burburinho mais ruidoso no início, viria mais tarde a acalmar, com a promessa de uma ou outra medida compensadora.

Para além deste, já são mais alguns casos, que no centro histórico da cidade da Ribeira Grande revelam a mão insensível e ávida de destruir para fazer novo e mal feito.

Por isso é urgente e absolutamente indispensável iniciar um estudo de salvaguarda da zona histórica da cidade, cuja estrutura urbanística está intacta e que tem que ser considerada como um conjunto a proteger.

Que daí não se infira porém que estamos a defender a imutabilidade e a inércia face à necessidade de se poder renovar, mas necessariamente de com o maior rigor classificar todos os edifícios, definir-lhes as possibilidades técnicas e capacidades de actualização, bem como proteger eficientemente o que de mais valioso possuem para a história da cidade.

A velocidade de transformação económica das cidades do passado, a sua adaptação e operacionalidade face às realidades actuais, não se compadecem com a demora e a lentidão insensível que os poderes públicos manifestam por vezes na criação dos meios e instrumentos técnicos e legais necessários para atingir os fins úteis que a cultura e a história exigem na preservação do património.

Por outro lado, há que perceber que o património, a cultura e a imagem dos valores antigos se traduzem hoje em mais valias económicas, que atraem visitantes, possibilitam negócios, são rentáveis nas valências turísticas, etc..

A cidade da Ribeira Grande, com a consciência cultural dos seus cidadãos desperta para estes valores, merece o esforço de modernização, já patente em boas iniciativas recentes, mas merece igualmente e com a maior urgência o cuidado e a preservação inteligente do seu passado patrimonial e ambiental e, se o conseguir, será na Ilha de S. Miguel e nos Açores um ponto de atracção inevitável, justificando o acerto do seu nome de cidade.

Inauguração da nova sede do Centro Social Paroquial de São Pedro da Ribeira Seca



Com muita emoção e verdadeira explosão de alegria, inaugurou-se a 26 do p.p. Outubro, a nova sede deste já benemérito Centro Social Paroquial.

Perto da hora aprazada para a inauguração, uma multidão de povo e convidados, aguardavam a chegada das autoridades, o Senhor Secretário Regional da Presidência e Finanças, em representação do Senhor Presidente do Governo Regional dos Açores, o nosso Venerando Prelado que fez questão em estar presente para proceder à bênção das novas instalações, Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande, Director Regional da Habitação Social, Presidente da Junta de Freguesia da Ribeira Seca, representante da Polícia de Segurança Pública da Ribeira Grande, representantes da imprensa local e outras entidades, devidamente representadas.

Fez as honras da casa, o Pe. Norberto da Cunha Pacheco, actual e dinâmico pároco de São Pedro da Ribeira Seca e que foi o principal orador da festa, lembrando o processo que possibilitou a compra da casa – solar do benemérito Bernardo Manuel da Silveira Estrela, já patrono da rua do Biscoito, como é vulgarmente conhecida e onde se situa o imóvel adquirido.

Assim, ficará na freguesia, perpetuando a memória do grande benemérito que doou a sua casa, às crianças carenciadas da freguesia, onde encontraram um segundo lar. Sem o apoio da Direcção Regional da Segurança Social, da mui digna direcção do Senhor Dr. Nélio Lourenço, seria impossível atingir a meta. Nesta relevante obra social, foram dispendidos uns 95 mil contos. Entraram também de parceria, a Câmara Municipal da Ribeira Grande, Junta de Freguesia de São Pedro da Ribeira Seca, as firmas industriais e comerciais de toda a Ribeira Grande, as Mordomias das Festas de São Pedro e do Sagrado Coração de Jesus e a Paróquia de São Pedro, com tudo que lhe sobrava da sua parca e honesta gestão.

Desde 1934, em que o Asilo foi transferido para uma nova residência, adquirida pelo Senhor Cônego Cristiano de Jesus Borges, na antiga vila da Ribeira Grande e onde ainda se situa, ficando a denominar-se, Asilo Escola

Agrícola, Bernardo Manuel da Silveira Estrela, passando a casa deste benemérito a servir de escola primária, até se inaugurar a nova Escola da Madre Teresa. É de salientar que, desde esta data, todas as Juntas de freguesia da Ribeira Seca, manifestaram em vão, vontade de adquirir o imóvel, à direcção do referido Asilo, o que só há pouco tempo se conseguiu, quando esta resolveu lotear o património existente nesta freguesia e constituído pela casa-solar do benemérito, com o respectivo balcão e um grande reduto de terreno circundante.

De 1994 a 1996, a freguesia da Ribeira Seca foi beneficiada pelo projecto – Alvorada – contra a pobreza, com o bônus de 80 mil contos. A Direcção do Centro Social Paroquial, habilitou-se à compra do imóvel, casa-solar de Bernardo Manuel da Silveira Estrela, destacando-se a acção do Vogal do Conselho de Administração do I A S, Dr. Luís Monteiro Rego Sousa, que soube encontrar o mecanismo próprio, para a referida aquisição. Uma outra acção altamente meritória de grande alcance,

Estrela Oriental, Dr. Mário Moura.

Começou por afirmar que é bem credível, o aforismo do nosso bom povo: há males que vêm por bem. Assim, secundando um pedido da Dra. Fátima Sousa, chefe de divisão do I A S, por não poder levar à paciência, que o Salão Paroquial, tão amplo, se destinasse apenas em dois dias da semana, às aulas de catequese! Tantas salas e tempos desperdiçados!

Assim, tive de mexer-me e, por decreto de 6 de Novembro de 1992, D. Aurélio Granada Escudeiro, bispo de Angra, era erecto o Centro Social Paroquial de São Pedro da Ribeira Seca, efectuando-se o registo definitivo dos Estatutos desta instituição em 16 de Abril de 1993. Três valências, iam ministrar-se:

O Jardim de Infância com 52 crianças, foi instalar-se na magnífica sala da falsa. Surge logo depois a dificuldade de a instalação não poder prolongar-se, pois até não havia água canalizada e, nem balneários nem sanitas. É então que surge a solução, em vez de arrebentarmos com estruturas, iríamos para a compra da casa-solar de Bernardo Manuel, ficando o Salão Paroquial reservado à catequese e reuniões dos movimentos apostólicos. Só a catequese engloba 500 crianças. O sonho de muita gente iria materializar-se!

A 2ª. Valência – A T L – Actividades dos Tempos Livres – apoiam crianças do 1º. Ciclo do ensino básico, algumas com elevado índice de absentismo e insucesso escolar.

A 3ª. Valência – Centro de convívio de Idosos. Proporciona momentos de convívio e socialização aos idosos da freguesia, dinamizando-os, estimulando a sensibilizando-os para a participação na vida da comunidade.

Agora, como chegamos à materialização do sonho?

Em 1997, o Jornal diocesano “A União” publicava, por ocasião da celebração do bicentenário do nascimento de Ferreira Drumond, o “mais ilustre filho da vila de São Sebastião”, a foto da casa do benemérito que escreveu os Anais da Ilha Terceira, em miserável estado de conservação, sendo por ele doada à freguesia e que viria a servir de escola. O titular da Secretaria Regional da Educação, Dr. Álamo Menezes, prometia que esse referido imóvel ia receber de imediato, obras de recuperação. Ora, não me foi difícil, traçar desde logo, um paralelismo histórico de solidariedade. Explorei o assunto, em artigo publicado no *Correio dos Açores*, de 19 de Março de 1997 e, pouco depois, o Senhor Presidente do Governo Regional dos Açores, de visita ao concelho

da Ribeira Grande, ofereceu um jantar aos autarcas e párocos do concelho nortenho, no Restaurante Silva, na Ribeira Seca. Aproveitei a ocasião, pois estava demais na minha paróquia, para oferecer ao Senhor Secretário Regional da Educação, uma fotocópia do meu artigo, pedindo a boa vontade e atenção de Sua Exa., para o projecto que tanto desejávamos concretizar. O Senhor Secretário não se esqueceu de nós e, volvidos três anos, tínhamos atingido a meta. Na minha alocação referi este acontecimento na imprensa escrita e, de imediato, após a inauguração, lembrei em ofício endereçado ao Senhor Secretário, termos atingido a meta e... pedia agora por São Sebastião! Não tardou o Senhor Secretário, por intermédio do seu chefe de gabinete, acusar a recepção do meu ofício e certificar-me que já tinha sido adjudicada a reparação da casa de Ferreira Drumond!

As duas casas de beneméritos tão ilustres e que serviram de escola, vão continuar em boas mãos, prestando serviços relevantes nas comunidades em que se inserem!

O Sr. Presidente da Câmara, teve uma palavra de louvor para os que conceberam o arrojado projecto e o executaram. Recordou-se um elemento prestimoso da paróquia e que esta deu o seu melhor: Laudalino de Medeiros Teixeira.

Falou depois o Senhor Bispo D. António que procedera à bênção do edifício, chamando a presença de Deus, trazendo a paz e harmonia entre os que trabalham e permitindo que os utente desta casa, novos e idosos, atinjam a meta.

Encerrou a festa da inauguração, o Senhor Secretário Regional da Presidência e Finanças, congratulando-se com o trabalho efectuado com o patrocínio da Direcção Regional de Solidariedade e Segurança Social, via a alegria estampada no rosto dos presentes, importava colher uma lição de gratidão, à memória do grande benemérito, Bernardo Manuel da Silveira Estrela, a não esquecer pelo povo da Ribeira Seca.

O Governo Regional apostou, não só na recuperação do edifício, mas também em alindá-lo e mobilá-lo com equipamento escolhido a gosto.

O património da freguesia de São Pedro da Ribeira Seca, ficou mais amplo e valorizado!

Um lauto copo de água foi servido nas salas do rés-do-chão do centro, a toda a gente.



ficou a Ribeira Seca a dever ao Dr. Nélio Lourenço que, após uma visita às obras já iniciadas no imóvel, se apercebeu, conseguindo a tempo, evitar a barbárie da desanexação do balcão da casa, ligado por escadas de verga de pedra, que hoje se não constróem e que seriam partidas ao meio! Assim, na visão alargada do Dr. Nélio Lourenço, ficou ainda um amplo reduto para o recreio ao ar livre, das crianças que aqui se educam.

O 2º. Orador da festa, foi o que está a construir esta reportagem, a pedido do sempre atento director de A

Nortadas

nortadas@mail.pt

Por falar em património

Sabiam que do *vastíssimo* património classificado de Interesse Público na Ribeira Grande, insista-se em tal superlativo, grande parte dele continua com aspecto de bradar aos céus? Veja-se o Solar da Senhora do Vencimento, o anexo Sul, suposto Museu do Chá, do Solar da Mafoma, as igrejas dos Frades e do Senhor dos Passos, e até a ermida da Conceição das Vinhas. Do restante património classificado, dele não nos atrevemos a falar, a sua lista ultrapassaria o número de páginas deste jornal. Aos manda-chuvas da classificação só merece perguntar: de que vale classificar e deixar as coisas a apodrecer? É obra!

Feira gastronómica: Sabores da Nossa Terra

Em Outubro mais sabores foram partilhados na Feira de Gastronomia, realizada junto do Estádio Municipal. Da morcela à fava rica, passando pelo milho torrado e vinho de cheiro, os gostinhos estavam deliciosos. A música popular não faltou. Os organizadores que não se esqueçam de continuar com a iniciativa. Sabem que nem o mau tempo o impede. Desejos de bons sabores.

Autárquicas 2001: quem viu caras não viu corações

António Pedro Rebelo Costa e Ricardo Silva utilizaram a imagem da fachada principal do edifício dos Paços do Concelho, vulgo Câmara, na sua propaganda eleitoral, esqueceram-se, porém, do seu alçado posterior, quer dizer, da sua traseira. Nela, a lembrar qual bairro de lata, uma das janelas sobre o excelente arco daquele edifício, também ele classificado de Interesse Público, durante as suas pré-campanhas, exibiu plásticos em vez de vidros. Imagem perfeita para se concluir de que, face à luta pelo poder, é provável que quem viu caras não viu corações. Que a Câmara recém eleita não venha a ser, unicamente, de fachada. Esperamos para ver.

As paredes de pedra seca do Senhor Secretário José Contente

Na estrada entre a Ribeira Grande e Ponta Delgada, recentemente remodelada, e até mesmo na conhecida Variante Sul, optou o Senhor Secretário

Regional José Contente, e muito bem, num acto de valorização patrimonial, por preservar e criar paredes em pedra seca. Será caso para 20 valores?

A Câmara Municipal de Ribeira Grande ainda não optou definitivamente, à semelhança do Senhor Secretário José Contente, por enveredar pela via do bom património. Basta observar as múltiplas paredes em bloco horroroso no interior da Cidade. O último grito da moda são as duas altas paredes na nova estrada que liga as estradas, a nova e a velha, que levam às Caldeiras: é um frente a frente entre pedra seca e bloco industrial inestético. Um louvar a Deus! Será caso para 10 valores?

Exposição de Cantaria no Posto de Turismo de Ribeira Grande

Exemplo que merece aplausos a todos os níveis. De 9 a 23 de Novembro passado, pudemos observar, naquele Posto, peças escultóricas em basalto efectuadas por Jovens ligados à Associação Alternativa, uma organização vocacionada para ajudar na libertação das toxicodependências. Esculpir de um modo tão original é a prova de que o mundo não pode acabar. Que venham mais iniciativas dessas!

A horta dos Verdes do Canto do Lima

Fazendo finca pé na sua boa vontade em dar bom exemplo àqueles que em nada se preocupam com a beleza do nosso Concelho, eis que os Verdes do Canto do Lima, nos vasos, entretanto, retirados, ali mesmo em frente das Lojas da família Correia, na rica freguesia da Ribeira Seca, tinham retomado, uma vez mais, a sua acção pedagógica em prol de uma Cidade florida. Mesmo que *fora da época*, por lá já se poderia ver *pés* de tabaco plantados. Tudo levava a crer que não se esqueceriam das leguminosas: o Sol de Inverno também saberia aquecer uns cantudos ou até sementinhas de cenoura.

Corte de cabelo no Jardim do Paraíso

Já lá vão mais de oito anos, o Jardim do Paraíso, no centro da Cidade, tem sido sujeito a um

corte de *cabelo* inédito para as lides cosméticas: a tonsura (Lembrem-se de Santo António?). Durante todos esses anos, unicamente, a sua parte superior, hoje, um pouco mais embelezada, devido à criação de um miradouro para quem quiser observar a lagoa paradisíaca de Gaspar Frutuoso, tem sido sujeita a corte. Dizem que o arranjo total do seu *cabelo* só será feito muito mais para a frente. Não seja esse um exemplo de uma *permanente* de mau qualidade. A ver vamos.

Ensino Superior na Ribeira Grande

No Centro Cultural de Ribeira Grande, a partir de Novembro, deu-se início a um curso de pós-graduação em *Fiscalidade e Euro*. A iniciativa não é pioneira, uma vez que na Cidade outra pós-graduação já teve lugar, referimo-nos àquela no âmbito do *Desenvolvimento Local*, neste caso tendo como *sala de aula* a Sede da Junta de Freguesia de Matriz. Dois projectos onde a Autarquia ribeirão-grandense surge como promotora. Ao que parece, tais cursos ajudam a dar à evidência de que a implantação do ensino superior técnico na Ribeira Grande poderá vir a ser uma realidade. Gaspar Frutuoso, cujo Politécnico terá o seu nome, deve estar a dar voltas no túmulo de contente!

Juventude e arte

Rodolfo Botelho Vieira no violino e Alexandre Branco Gaudêncio na escrita, dois jovens ribeirão-grandenses na ribalta da arte. O primeiro é um *vê que te avias* no tocar, cujo último bom sinal foi a sua integração na Orquestra Internacional do Encontro de Orquestras Juvenis, tendo a mesma, em Setembro e Outubro últimos, respectivamente, no Europarque e na Sé da Guarda, numa inclusão no *Porto 2001*, realizado dois concertos em interpretação da peça *War Requiem*, de Benjamin Britten; o segundo, a fazer vincar a sua escrita, com a recente publicação do livro *Murmúrio de Sentimentos*. É a Ribeira Grande no seu melhor! Rapazes nunca se deixem vergar!

Destaque

Ribeira Seca: os serões do povo

A alegria, a folia e a sátira, embriões das Comédias de São Pedro, continuam de mãos dadas e bem frescas na freguesia da Ribeira Seca, oráculo daquele Santo Apóstolo. Nicolau Sousa e Silva e José de Medeiros Peixoto, ambos na casa dos quarenta, naturais da freguesia, homens em ligação estreita com os árduos trabalhos do campo, criadores do *Foguetão* na *Comédia* de 1994, durante os serões, dão largas à imaginação, alegrando com as suas quadras, estas à boa maneira popular, às vezes, em despique ritmado, os bares e tabernas dos Cantos da Fonte e do Lima, bem como do Largo de São Pedro. Outras vezes não deixam de dar um saltinho à freguesia vizinha de Santa Bárbara. Daqui outros tantos poetas e actores tal como eles, já deleitaram gerações. Lembrem-se de José Ferreira da Costa, infelizmente, já falecido? Entretanto, por aqui, os tempos de fervor poético parecem estar um pouco adormecidos. Homens generosos, Nicolau Silva e José Peixoto revelem boa capacidade de observação e, à sua maneira, criatividade no uso da língua materna. Fenómenos do dia-a-dia, da nossa terra e de outras paragens, facilmente são absorvidos e de imediato transportados para poemas singelos, espontâneos, sem grandes pretensões de estilo, de preferência sempre em tom de sátira, galhofa, que deleitam todos os que a eles se juntam. Como aperitivo aí vai uma quadra:



*Ribeira Grande não está normal
A algum caixeiro está a cair o cabelo
Porque as compras do Natal
Vão ser feitas no Modelo*

A cultura popular, neste caso, alimento para animação de serões, e, em simultâneo, embrião para possíveis saídas de *Comédias* em dia de São Pedro, faz-se com essa vontade bem disposta, fraterna, despreziosa, num cunho de forte sociabilidade. O povo gosta. É hilariante. Sai à rua na sua procura. *A Estrela Oriental* espera pelo 29 de Junho de 2002.

Empreendimentos: Alabote e Merenda



Com empresários tão jovens e, ao mesmo tempo, tão empreendedores, como o Rui Cordeiro e o Edmundo Prudêncio, a Cidade de Ribeira Grande está a ficar cada vez mais rica na oferta de serviços. É ver o grande entusiasmo em volta dos seus mais recentes investimentos. Diga-se que de sumptuosa qualidade. Verdadeiros exemplos de requinte. Já podemos com a vontade afirmar: estamos numa Cidade virada para a frente. Não para turista ver e passar, mas sim para turista ficar e ver, daí ambos serem unânimes na urgente criação de estruturas turísticas dentro do perímetro citadino. Que os políticos, não politiqueiros, e os

investidores pensem a sério. A Ribeira Grande é uma cidade com futuro! O primeiro, com o seu *Alabote*, em coragem de invejar, tem vindo a projectar a Ribeira Grande para o seu Litoral, exemplo que tem sido usado por boa gente mais para projecções *politicamente correctas* do que para a requalificação do dito (qual antro para detritos; imagem para turista fotografar e cheirar! Que o complexo banear das Poças venha e depressa!); o segundo, com a sua *Merenda*, torna-se em mais um modelo a fazer valer que o Centro da Cidade reclama ser requalificado (o que tem sido feito é ainda manifestamente insuficiente); no entanto, relembre-se, outros empresários, do mesmo ramo, têm vindo a apostar, refira-se que com muita tenacidade e em *abertura ao novo*, no lado mais rural da Cidade: observe-se o caso do Bar-Restaurante *Lagoa do Fogo*, de Marco Costa.

Rui Cordeiro, 38 anos, já nas andanças dos negócios, desde o tempo do *Cantinho da Fonte*, fez saltar o *Alabote* de uma simples esplanada, então o *Forno* (1994), para um espaço, actualmente, com uma tripla vertente: Bar, Restaurante e Esplanada. Dir-se-ia que se está ante um complexo, do ponto de vista estético, em harmonia nos materiais utilizados, o qual, na expectativa de melhores dias para uma real vida nocturna na Cidade, e até, possivelmente, a aglomerar uma residencial, se preocupa em oferecer criatividade quer nas suas ementas quer na própria actividade cultural que dinamiza: exposições de arte e música ao vivo. Dentro da Cidade, exemplo raro de louvar. Edmundo Prudêncio, 37 anos, ligado ao comércio alimentar e restauração desde longa data (quem não se lembra do seu *Mini-Mercado* ali perto da igreja da Conceição?), apostou forte num espaço, onde, para além do seu finíssimo Bar e Restaurante, áreas que revelam bom gosto na sua articulação arquitectónica e suavidade nas cores utilizadas, apresenta uma Sala para Conferências, Acções de Formação, ou até mesmo para Festas, uma Esplanada e um Parque de Estacionamento para Clientes. A sua *Merenda* é um excelente exemplar de um espaço preparado para uma oferta multifacetada (não esquecer, pizzas, doces, gelados). De 1981 para 2001 o salto foi de gigante.



Talho e Salsicharia Ideal

Foi inaugurado, no passado dia 2 de Dezembro, o novo TALHO E SALSICHARIA IDEAL, propriedade do dinâmico empresário ribeirão-grandense Mário Jorge Cabral de Melo. O novo estabelecimento comercial continua uma tradição de empresas familiares transmitidas de geração em geração, tendo sido o recente empreendimento o culminar da aposta no crescimento e modernização face ao evoluir dos tempos. Dotado de uma moderna linha de equipamentos e inclusive de um parque de estacionamento para os clientes, a Salsicharia Ideal aposta não só nos já bem conhecidos e tradicionais produtos da Ribeira Grande bem como num leque diversificado de novos produtos.

Mas como as palavras ficam, por vezes, aquém da realidade, VISITE E COMPROVE VOCÊ MESMO!



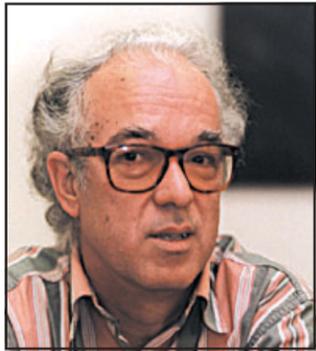
Confecção - Limpeza a Seco

Somos especialistas na **confecção por medida** de fatos do dia-a-dia, fatos de cerimónia, vestidos de noite, vestidos de noiva. Fazemos arranjo e transformações. **Atendimento Personalizado**

Rua da Praça, 35 Telef./Fax: 296 474 189

Crónica Mal-Humorada

(Crónica de gente lembrada)



A RTP/A anunciava “Crónica de gente esquecida” como tendo uma revelação inclusa: o Luís Simas. Só para quem não o conhecia... O Luís e a Maria Bifa foram mesmo dois dos actores que me convenceram de que o sotaque micaelense também serve para representar.

Mas o Luís não tem só esse talento. Para mim, continua a ser um dos melhores exemplos desportivos que conheci. E a atitude que mais admirei nele foi na Ribeirinha, num festival do Movimento Voluntário Desportivo. A disciplina em que eu menos esperava vê-lo inscrito era a do salto em altura. Mas estava lá. Para abreviar o concurso, ficou combinado entre todos que cada atleta faria apenas duas tentativas em vez das três habituais. Na final, esteve ele e outro rapaz, que falhou os dois saltos. O Luís ganhou sem qualquer manifestação de alegria, mas o treinador do adversário pediu que o seu pupilo tivesse mais uma oportunidade. Respondi-lhe que por mim tudo bem desde que o Luís Simas estivesse de acordo. Claro que esteve. O outro saltou à terceira. E voltou a passar a fasquia quando esta subiu novamente. O Luís, não. E ficou com a mesma cara feliz de dever cumprido como quando ganhara, provisoriamente afinal. Nem um gesto de desalento nem um resmungo de descontentamento. Nunca esqueci.

Mas nem todos são assim tão leais. Feitios... Em outro festival do M.V.D., este na Maia, na corrida dos três mil metros um atleta da casa chegou em terceiro lugar. Fiquei admirado, porque não o sabia capaz de correr tanto, ainda por cima a cortar a meta fresco como uma alface ao amanhecer. Depois soube-se que ele se escondera entre umas canas, a duzentos metros do local da partida que servia também de meta, pondo-se entre o segundo e o terceiro (que passou a quarto) quando estava de volta a caravana. Não faltou quem se zangasse ardentemente com ele. Porque não se tinha metido à frente do primeiro! O João Carlos Barbosa, que por acaso nesse dia ganhou o salto em

altura, era um extremo-direito de correr em linha recta nem que lhe aparecesse um hipópótamo pela frente. Também num festival do M.V.D., no campo de jogos da Ribeira Grande, concorreu ao lançamento do dardo. O maestro da organização queria que o dardo espetasse no chão para que o lançamento fosse válido. Naquele pedregal a fingir de piso de futebol, é evidente que o dardo nunca ficou de pé. O João Carlos era o último a lançar e, claro, já falhara, segundo aquela regra, os primeiros dois lançamentos, e os demais concorrentes estavam todos desclassificados. Inteligentemente, espetou o dardo à sua frente, aí a coisa de metro e meio do dedo grande do pé. Ganhou a medalha.

Ainda em outro festival, nas redondezas da Câmara Municipal, a corrida dos cem metros começava junto ao quartel dos bombeiros, e era sempre a subir pela calçada da rua da Praça. A organização anunciou que o vencedor fizera a marca espantosa de dez segundos, *record* olímpico até 1968! Feitos os descontos da subida e da calçada, seria coisa para um sete vírgula nove em “tartan”! Depois, o tempo foi rectificadado para treze segundos, cronometrados de memória!

Belos tempos, mesmo quando um árbitro de futebol, que passara no exame da FNAT com 10,6 valores, apanhava durante quase todo o desafio com jogadas que faziam parte dos 9,4 que ele não sabia! (Como diria o bom amigo Carlos Toste, que ainda não aprendera a jogar ao ping-pong e já me ganhava, e a quem, como a mim, só faltou altura, velocidade e pontapé forte para ser o melhor avançado-centro açoriano).

E, já agora, para aproveitar o balanço. Foi num jogo de há mais de três décadas, no Jácome Correia. Nessa tarde de sessão dupla havia pouco pó porque os jogadores do União Sportiva e do Operário mal se mexiam. Era a final de um torneio, creio que o último que os saudosos “leões” da rua de Lisboa ganharam. O Padre Adriano Mendonça, verde até ao miolo, devia estar, como de costume, logo à entrada do estádio encostado à porta... porque o médico o tinha proibido de ir ao futebol.

Antes desse jogo, o União Micaelense jogara não sei com quem para atribuição do 3º e 4º lugares. Às tantas, um adepto dos pretos disse: “Eh! Que sono!” Um verde respondeu logo: “Eu não tenho sono. Já dormi no primeiro jogo.”

Daniel de Sá

Num só espaço
Tudo para a sua casa

Mobiliário - electrodomésticos - mercearia
mosaicos - materiais de construção



Stand Correia
Rua Direita de Cima, 45
Ribeira Seca
Telef.: 296 470004

Contraste +

O fotógrafo



A cultura.

Contraste -

O fotógrafo



A incultura!



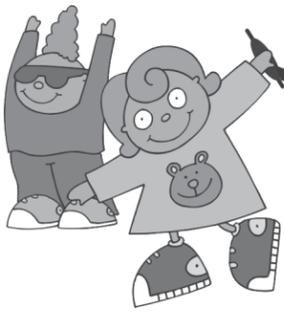
Cooperativa Mãe d'Água, C.R.L.



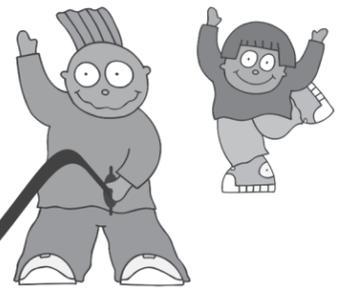
Modelo

Custa Pouco
Viver Melhor

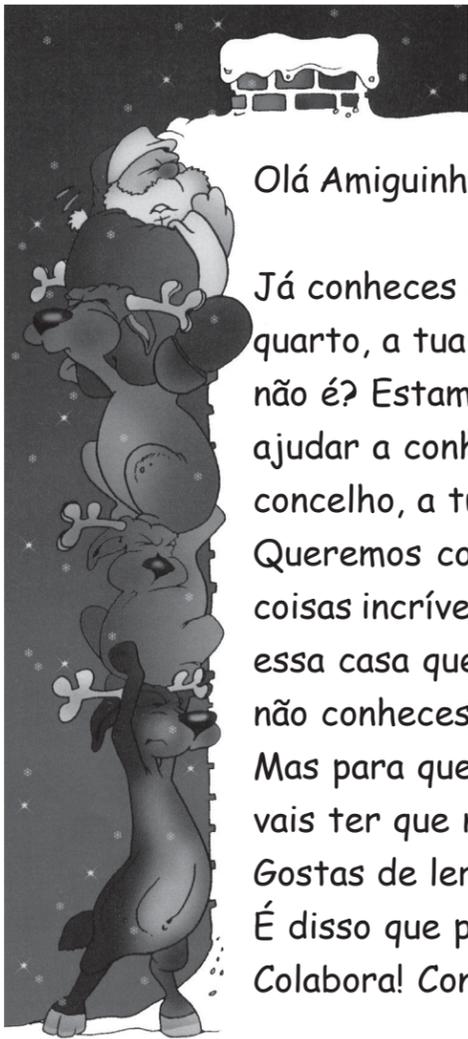
Ponta Delgada - Horta - Angra do Heroísmo - Praia da Vitória - Ribeira Grande



Fuseirinho



Coordenação: Filomena Moura, Gisela Correia e Carina Sousa



Olá Amiguinho!

Já conheces o teu quarto, a tua casa, a tua rua... não é? Estamos aqui para te ajudar a conhecer o teu concelho, a tua outra casa. Queremos contar-te coisas incríveis sobre essa casa que ainda não conheces. Mas para que isto aconteça vais ter que nos ajudar! Gostas de ler? E de escrever? É disso que precisamos!!! Colabora! Contamos Contigo!

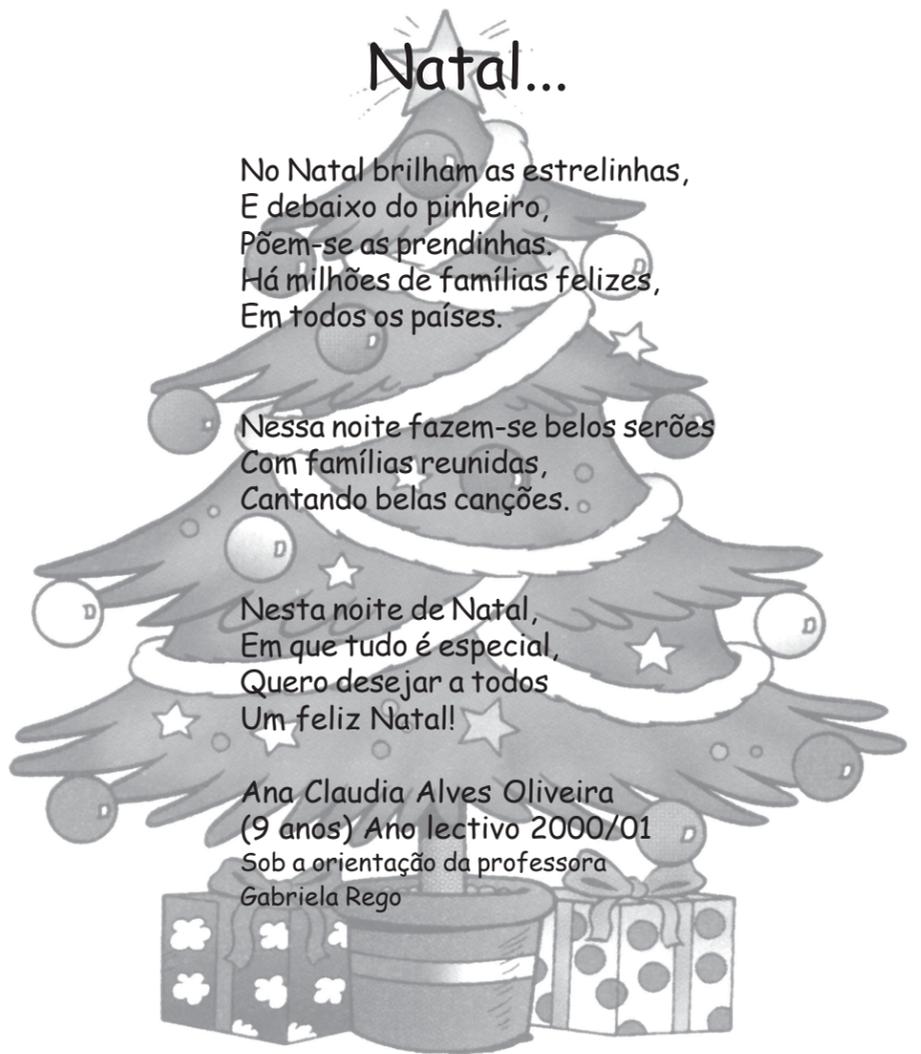
Natal...

No Natal brilham as estrelinhas,
E debaixo do pinheiro,
Põem-se as prendinhas.
Há milhões de famílias felizes,
Em todos os países.

Nessa noite fazem-se belos serões
Com famílias reunidas,
Cantando belas canções.

Nesta noite de Natal,
Em que tudo é especial,
Quero desejar a todos
Um feliz Natal!

Ana Claudia Alves Oliveira
(9 anos) Ano lectivo 2000/01
Sob a orientação da professora
Gabriela Rego



A Lenda do Euro

Há muitos, muitos anos havia uma aldeia algures na Europa de nome Euros, que era uma rival declarada da sua aldeia vizinha, a aldeia Escudos.
No dia 1 de Outubro, D. Escudo, chefe da Aldeia Escudos, sentindo-se ofendido pela prepotência de D. Euro, soberano da Aldeia Euros, declarou-lhe guerra. Travou-se, então, uma batalha morosa entre as duas forças rivais e, ao fim de três meses, D. Escudo e toda a sua aldeia rendeu-se ao imperioso poder de D. Euro apoiado por seus súbditos, os cêntimos.
Assim, no dia 1 de Janeiro de 2002, D. Euro declarou-se rei de toda a Europa.

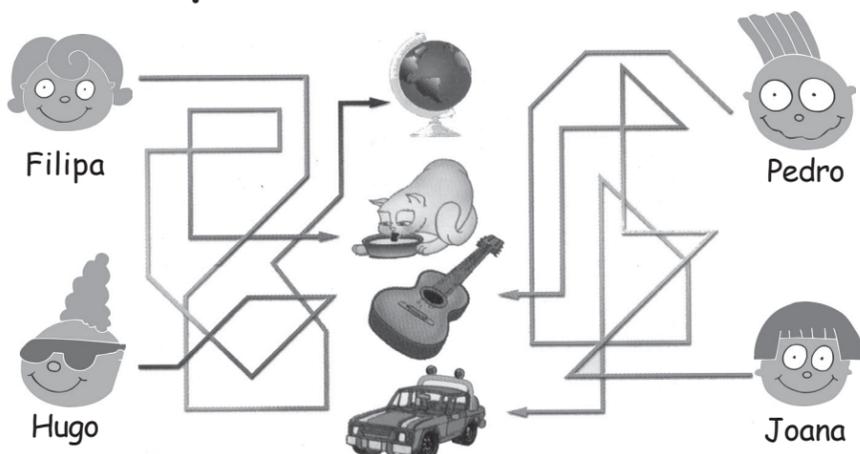
Sandra Sousa
Mónica Ferreira

Estão prontos para o Euro?

assinala com um X a resposta correcta

- | | |
|--|--|
| 1. Quantos países já adoptaram o Euro?
7 <input type="checkbox"/>
12 <input type="checkbox"/>
15 <input type="checkbox"/> | 3. Quantas notas existirão?
5 <input type="checkbox"/>
7 <input type="checkbox"/>
11 <input type="checkbox"/> |
| 2. As notas e moedas de Euros entrarão nos nossos porta-moedas em:
Janeiro de 2001 ? <input type="checkbox"/>
Janeiro de 2002 ? <input type="checkbox"/>
Julho de 2002 ? <input type="checkbox"/> | 4. Qual será a moeda em euros com o valor mais baixo?
1 cêntimo ? <input type="checkbox"/>
20 cêntimos ? <input type="checkbox"/>
1 euro ? <input type="checkbox"/> |

Passatempos: Descobre quem recebeu o quê neste Natal.



Envia os teus desenhos, histórias e anedotas para:
Clube do Fuseirinho
Apartado 6
9600 Ribeira Grande
Não te esqueças de mandar a tua foto!



Soluções

Euro: 1-R=12
2-R=Janeiro de 2002
3-R=7
4-R=1 cêntimo
Presentes de Natal:
A Filipa recebeu um globo, o Hugo um gato, o Pedro um carro e a Joana uma viola.

Desporto

Karaté



No passado dia 10 de Novembro, decorreu, no Complexo Desportivo da Ribeira Grande, um torneio interno de Karaté, iniciativa da Junta de Freguesia de Conceição, durante a realização da sua "Semana Cultural". Apurei junto do seu então Pre-

sidente João Luís Moniz, que este evento com nome de "Semana Cultural" é a primeira vez que se realiza nesta freguesia, sendo esta uma das que compõe a bela Cidade Nortenha. Neste torneio marcaram presença duas escolas de Karaté da Hoitsugan dos Açores, nomeadamente a escola Hoitsugan Karate-Do Açores (Ponta Delgada) e a Hoitsugan Shotokan Ribeira Grande. Foram abrangidos nesta competição interna 3 escalões, sendo estes infantis, juvenis e cadetes divididos por cerca de trinta

atletas, que tiveram a liberdade, de acordo com as regras da Federação de Karaté, de competir em Kata (forma) e Kumite (combate) e em Open Graduações. A responsabilidade técnica foi dos

instrutores Fernando Vicente e Carlos Sousa. A equipa de arbitragem foi da responsabilidade de quatro cintos negros da Associação H.K.A., nomeadamente Luís Flores, João Casimiro, Carlos

Sousa e Fernando Vicente (Juizes de Tetami), Helena Pereira e Cláudia Sousa (Juiz de mesa, cronometrista e anotadora). Aos três primeiros lugares dos três escalões já acima referidos, a Junta de Freguesia de Conceição distinguiu os atletas que conseguiram esta proeza, com magníficos troféus alusivos á modalidade (Karaté).

Não perdendo o fio à meada e como a ocasião faz o ladrão, como rezam alguns ditados populares, fica aqui o agradecimento do responsável técnico

pelo Hoitsugan Shotokan Ribeira Grande, Sensei Carlos Sousa, à Junta de Freguesia de Conceição pelo convite e oportunidade que deram aos atletas deste jovem clube de mostrarem as suas qualidades como Ribeiragrândenses. Que o são com muito orgulho! Por toda esta iniciativa, bem hajam!...



Carlos Alberto

A ARITMÉTICA DO EURO

A aritmética do Euro é simples de compreender e de aplicar e tudo roda à volta da Taxa de Conversão. A Taxa de Conversão entre o Euro e o Escudo é $1 = 200.482$. As Taxas de Conversão foram fixadas com 6 algarismos com vista às conversões e arredondamentos serem os mais exactas possíveis. As Taxas de Conversão foram fixadas de modo definitivo em 31 de Dezembro de 1998 e não podem ser truncadas nem arredondadas.

Para que servem as Taxas de Conversão?

A Taxa de Conversão serve para converter Escudos em Euros: divide-se a importância de Escudos por 200.482; serve para converter Euros em Escudos: multiplica-se a importância de Euros por 200.482. Após a conversão procede-se ao arredondamento. Vejamos alguns exemplos.

1. Conversão de 1500 escudos

$1500\$00 : 200.482 = 7.481968$. Temos de arredondar este resultado. Arredonda-se da terceira casa depois da vírgula (ou ponto) para a segunda casa – os algarismos após a terceira casa podem ser desprezados. Arredondamos na base de que critério? Quando o algarismo da terceira casa é inferior a 5, arredonda-se por defeito (para baixo) e o algarismo na segunda casa, após a vírgula, não se altera.

Assim temos:

$1500\$00 : 200.482 = 7.48$ (ou EUR, abreviatura oficial do Euro)

Outros exemplos:

$15125\$00 \Rightarrow 75.44$

$11111\$00 \Rightarrow 55.42$

2. Conversão de 4556 escudos

$4556\$00 : 200.482 = 22.725233$. Quando o algarismo da terceira casa é igual ou superior a 5, arredonda-se por excesso (para cima) e o algarismo na segunda casa, após a vírgula, é aumentado numa unidade.

Assim temos:

$4556\$00 : 200.482 = 22.73$

Outros exemplos:

$25000\$00 \Rightarrow 124.70$

$12500\$00 \Rightarrow 62.35$

3. Conversão de 255 Euros

$255 * 200.482 = 51122.91$ Já não existem centavos donde é necessário arredondar para as unidades Escudos. Arredonda-se por defeito ou por excesso conforme os centavos sejam inferiores, iguais ou superiores a 50 centavos, respectivamente.

Assim temos:

$255 * 200.482 = 51123\$00$

Outros exemplos:

$1 \Rightarrow 200\$00$

$2 \Rightarrow 401\$00$

Nota: É indiferente o vir antes ou depois do valor monetário.

O cálculo mental

Com esta Taxa de Conversão é fácil fazer contas de cabeça (com algum erro de aproximação).

1. Conversão de contos em Euros e Euros em contos

Como $1000\$ = 4.99$ e $5 = 1002\$00$, multiplico contos por 5 para ter Euros e divido Euros por 5 para ter contos (valor aproximado).

Exemplo: 15 contos \Rightarrow 75 (valor exacto: 74.82)

$100 \text{ EUR} \Rightarrow 20$ contos (valor exacto: 20048\$00)

2. Euros para escudos

Multiplica por dois (e esqueça as vírgulas):

Exemplos: $11.24 \Rightarrow 2248\$00$ (valor exacto: 2253\$00)

$5.05 \Rightarrow 1010\$00$ (valor exacto: 1012\$00)

$1.03 \Rightarrow 206\$00$ (valor exacto: 206\$00)

3. Escudos para Euros

Divida por 2 a parte inteira dos escudos (e aplique duas vírgulas):

Exemplos: $2248\$ \Rightarrow 11.24$ (valor exacto: 11.21)

$1010\$ \Rightarrow 5.05$ (valor exacto: 5.04)

$206\$00 \Rightarrow 1.03$ (valor exacto: 1.03)

Aproveitem a dupla indicação dos preços e treinem!

Comissão Euro da R.A.A.

21 de Outubro de 2001



Otilia Botelho / Rafaela Cardoso

Até dá gosto...

Licor de Folhas de Figueira

20 folhas de figueira das mais tenras (de figos pretos)

1 litro de álcool a 90.º

1 quilo de açúcar

7,5 dl de água

Cortam-se as folhas em tiras finas, colocando-as em recipiente bem fechado, deixando permanecer as folhas durante 5 dias de infusão no álcool.

Dissolva-se o açúcar na água e leve-se ao lume a ferver até fazer um ponto fraco.

Coe-se o álcool por um coador e junta-se à calda de açúcar. Filtra-se tudo e guarda-se em licoreiras.

Beba-se passado um mês.

HERDEIROS DE AGOSTINHO FERREIRA MEDEIROS, LDA

OBRAS PÚBLICAS - CONSTRUÇÃO CIVIL

Central de Britagem >> Fábrica de Blocos e Vigas >> Materiais de Construção >> Serração de Basalto >> Granitos

Estrada Regional, Nº 3/1ª Km. 10 Boqueirões - 9600 Ribeira Grande - Tel. 296 490 160 - Fax 296 490 167



A Ribeira Grande, os Jovens e as Drogas



A vós, leitores, quero deixar-vos um aviso de grande preocupação pelos jovens da nossa cidade. A grande maioria de vós deve pensar que a Ribeira Grande, por ser uma cidade jovem e pacata, não tem os problemas de uma grande cidade, pois, eu, enquanto jovem, digo-vos que a dro-

ga, esse mal que só pensamos existir nos filmes, já chegou aqui e há muito. Há não muito tempo, havia um jovem, como tantos outros, que jogava futebol comigo no Ideal. Todos tinham um grande respeito por ele, não só por ser um dos melhores esquerditos que já vi até hoje, mas também pela pessoa que era, sempre brincalhão e amigo dos seus companheiros. Nunca faltava a um treino, mesmo que estivesse a fazer trovoada e era sempre titular na nossa equipa. Mas, a partir de certo dia começou a faltar. “Deve estar doente”,

pensámos nós. Depois, quando regressou, levava os treinos como de uma brincadeira se tratasse e começou a trocar o nome de toda a gente, até mesmo dos seus melhores amigos. Lembro-me até que uma vez ele começou a dormir a amarrar os atacadores das botas de futebol antes de um jogo. O treinador notou que ele estava diferente para pior, por isso, como havia mais jogadores no plantel que queriam jogar, ele passou a ser suplente. Num dos treinos que tinha faltado, o treinador perguntou-nos o que se passava com o Paulo (nome fictício).

Claro que começámos a suspeitar que estava a drogar-se e cada vez era mais forte e dissemos ao treinador. No fim-de-semana seguinte, tínhamos um jogo muito importante e o professor Simas, nosso treinador de então, resolveu pôr o Paulo a titular como de um estímulo se tratasse para que deixasse a droga e passasse a dedicar mais tempo a coisas que ele realmente gostasse, como por exemplo o futebol que sabia jogar tão bem. No dia do jogo, o Paulo, quando soube que ia jogar de início, fez um sorriso, daqueles que toda a equipa

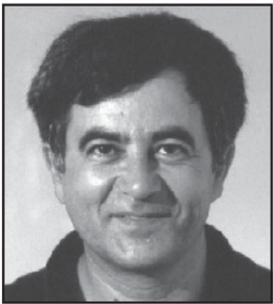
já não via há muito. Ele estava muito motivado, assim como todos, para ganhar, como sempre, o jogo. Na partida, não jogou quase nada, e perdemos o jogo. Aquele sorriso que tinha transformou-se numa cara séria, como se tivesse rendido para sempre à droga. Desde esse dia, nunca mais apareceu a um treino e dele só sabíamos que andava com gente que lhe podia dar aquilo a que já estava viciado. Como o Paulo há muitos neste mundo. A partir desse momento, passei a ter mais atenção à droga e reparei que não é assim tão

difícil encontrar pessoas na nossa cidade que já estão como o Paulo. Há que haver mais iniciativas como aquelas do professor Simas que quando o pôs a titular o sorriso voltou à sua alma. Há que agarrar o sorriso daqueles que estão desistindo de viver, só assim podemos combater esse mal terrível que é a droga!

Alexandre Gaudêncio

Valerá a pena reflectir sobre ...

O Coreto do Largo Gaspar Fructuoso?



Enquanto o Mundo está suspenso de acontecimentos que merecem reflexões profundas, é relevante reflectir sobre um coreto?

Mal de nós se ficássemos exclusivamente dependentes do que se passa no planeta, sem ligarmos às “insignificâncias” locais. Como canta Sérgio Godinho “a vida é feita de pequenos nada...”

Quem se dedicasse à discussão dos grandes problemas mundiais e se abstivesse dos **pequenos nada da sua terra...** confiando a sua solução aos técnicos, seria muito limitado.

Temos, ou não, o direito de nos pronunciar sobre problemas para os quais estão licenciados os engenheiros e os arquitectos?

Num programa de televisão, “Travessa do Cotovelo”, a arquitecta Helena

Roseta mostrou-se indignada, com toda a razão, com o facto de se transformar o nosso meio envolvente sem se perguntar nada a ninguém.

Confia-se a um gabinete técnico, ou a um técnico apenas (por muito competente que seja) a transformação a operar num determinado local e fica-se dependente da sua inspiração (ou falta dela) e ninguém contesta para não fazer má figura.

Questionava ainda a arquitecta Helena Roseta que, se são feitas consultas de opinião e sondagens por tudo e por nada, então porque não se ausculta a opinião das pessoas para as mudanças nos locais onde as pessoas vivem?

É evidente que a elaboração dos projectos e execução têm de estar a cargo de quem está licenciado e por isso tem competência para tal mas **a opinião pública deve (tem de) ser consultada depois de elaborado o projecto e antes da sua execução.**

Todo o Largo e passeios envolventes da Igreja Matriz foram artisticamente calcetados de acordo com o projecto do Pintor Tomás Vieira, que

teve a humildade e o gosto de pedir a opinião dos “leigos” antes de o acabar e apresentar.

O coreto foi projectado por um arquitecto*, no âmbito do arranjo global do espaço envolvente à igreja Matriz. As formas escolhidas pretendem estar de acordo com os edifícios à volta, nomeadamente com os telhados e águas furtadas, preocupação que está de acordo com o que afirmou recentemente o arquitecto Siza Vieira num encontro de arquitectos: **“Há objectos para os quais é necessário procurar um sítio onde os colocar. E há sítios para os quais se tem de procurar um objecto que lá se possa colocar.”**

No entanto, as dimensões do tabuleiro central não são suficientes para caber uma banda de música, dizem os que, de cada vez que há uma festa, montam um palanque de madeira provisório em frente ao coreto onde permanece vários meses seguidos.

Será um exemplo de como não houve relação entre a **forma e dimensão do coreto e a função para que foi projectado?** À procura da resposta foi o estudo a que nos dedicámos com

os nossos alunos. Para tal medimos o tabuleiro central do coreto, de forma octogonal e o círculo de terra que o envolve para calcular as respectivas áreas:

O octógono tem uma área de 90 metros quadrados e o círculo exterior tem a área aproximadamente igual a 250 metros quadrados. O palanque de madeira media 10 metros de comprimento e 9 metros de largura, ou seja, uma área de 90 metros quadrados, igual à do octógono, polígono central do coreto!

Se fosse a forma do coreto o óbice para a colocação das aparelhagens de som dos grupos e bandas, aquelas poderiam (poderão) ser colocadas sobre o círculo exterior ao tabuleiro central do coreto, numa estrutura que seria retirada logo após a desmon-

tagem do restante equipamento, tal como qualquer cobertura suplementar para os proteger.

Esta Praça tem condições privilegiadas para a audição de concertos, mas os moradores têm direito a que se cumpra **a Lei do ruído**, o que é outro motivo de debate - os concertos que aí se fazem não podem ultrapassar o horário e os níveis de ruído permitidos por Lei, o que normalmente não acontece.

Não é o coreto que está desapropriado ao local – o local é que é desapropriado ao tipo de concertos que lá têm sido feitos. Antes da sua execução, admitimos que todos tivessem tido o direito de dar a sua opinião. Depois da sua implantação há que ter o bom senso de não adulterar o que foi feito,

colocando postigos que o desfeiam periodicamente. Como conclusão, gostaria que de futuro houvesse mais informação e debate sobre o que se pretende fazer nos locais que são para uso colectivo. Aos técnicos compete aceitar e recusar as opiniões. Aos políticos compete decidir com bom senso, aliando a autoridade dos técnicos com a sensibilidade da opinião pública.

Depois da obra completa, **respeite-se a função e a vocação do que foi realizado e faça-se o seu uso apropriado.**

* As placas de inauguração indicam-nos sempre quem inaugura a obra, mas raramente indicam quem as idealizou, concebeu, projectou e realizou...



Luís Noronha

Caixa de Correio

Olá a todos os Ribeira-Grandenses!

Gostei de saber que o Norte também já tem um jornal. Deveria tê-lo há mais tempo, mas agora que surgiu a oportunidade não a desperdicem.

Adorei os vossos **cartoons**: são espectacu-

lares!

É com iniciativas desse género que se vai desenvolvendo cada vez mais a nossa Região.

Gostaria que respondessem à mensagem.

Tchau!!!

Teresa Silva

Passagem de Ano no Salão Paroquial de Santa Bárbara.

A Comissão de Festas da freguesia agradece a vossa presença



Óleos

20% Desconto

e ainda

oferta da mudança de óleo

Nos seguinte produtos:

VISCO 2000

VISCO 3000

VISCO 7000

Melo & Melo
 Deseja a todos os estimados
 clientes e amigos um Feliz Natal e
 um Ano Novo muito Próspero

Promoções

Pneus

P a g u e 3 l e v e 4

e ainda oferta da montagem e calibragem
 para ligeiros com jantes 13 e 14 (válido até ruptura do stock)

MELO & MELO, LDA - Centro de Pneus
Todas as marcas de Pneus novos e recauchutados

ESTAÇÃO DE SERVIÇO *SELF - SERVE - LAVAGEM AUTOMÁTICA

Estrada Regional da Ribeira Grande - Telef. 296.472460 - Fax. 296.477400